

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174  
Rio de Janeiro — Tel. 4337 C.

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

## SUMMARIO

---	O nacionalismo e o ensino primario
---	<b>IDÉAS E FACTOS</b>
---	Politica de instrucção publica —
---	O ensino da historia.
---	O ensino da pedagogia
Deelinda Fernandes.....	Liga dos amigos da infancia
Azurita R. de Brito.....	Escolas maternas e suas vantagens
---	«A Escola Primaria»
---	Bibliographia
---	Correspondencia
---	Expediente

	<b>A ESCOLA</b>
F. Cabrita.....	A lingua portugueza nas escolas primarias.
E Lara.....	Correcções
Abilio de Barros Alencar.....	Operações materiaes e recreativas
Dr. Soares Rodrigues.....	Escola Normal
	Instrucção Cívica

	<b>LIÇÕES E EXERCÍCIOS</b>
	Historia
D. C.....	Arithmetica
	Sciencias physicas e aaturaes

## O NACIONALISMO E O ENSINO PRIMARIO

Ha quem tenha enxergado um verdadeiro espirito jacobino nas conclusões da Conferencia Interestadual de Ensino Primario, referentes á nacionalização deste e ás medidas mais adequadas para neutralizar a influencia das correntes migratorias nos nucleos da colonização estrangeira em que o sentimento nacional se acha menos desenvolvido.

A Conferencia Interestadual nem mesmo pode ser arguida de excessiva na indicação de alvitre e providencias para garantia da nacionalização do ensino primario.

Não se deve, com effeito, censural-a, por declarar que "o ensino primario só poderá ser ministrado em lingua vernacula" e que "a lingua official obrigatoria, nas escolas particulares, é o idioma nacional."

Em paiz algum se admitteria que a instrucção primaria fosse ministrada em lingua estrangeira, excepto tratando-se de ensino individual dado no domicilio, ou de escolas unicamente frequentadas por crianças legalmente qualificadas como estrangeiras, hypoteses tambem resalvadas nas conclusões adoptadas pela Conferencia.

A Allemanha, a Italia, ou quaesquer outras nações, jamais consentiriam na instituição de escolas primarias, para o ensino de seus futuros cidadãos, si, em taes escolas, a lingua official obrigatoria não fosse o idioma nacional, e si a instrucção não fosse ministrada nesse idioma.

E' verdade que entre nós ha quem pense bastar para a nacionalização do ensino primario a obrigatoriedade do ensino da lingua nacional.

Possuimos, mesmo, em nossa legislação, actos em que se consagra essa extravagante doutrina. Não escasseam, porém, as consequencias lamentaveis, de tão erroneo modo de apreciar a questão.

Entre ellas, merece destaque a adopção official, por varias municipalidades de um dos estados do extremo sul da Republica, de uma

grammatica da lingua portugueza, largamente diffundida nas escolas primarias daquellas regiões, grammatica em que os segredos e subtilezas da nossa lingua são ensinadas aos nossos pequenos patricios... na lingua allemã...

Outro ponto em que as conclusões da Conferencia Interestadual têm merecido a accusação de jacobismo é o referente a prohibição aos estrangeiros de ensinarem a lingua, a geographia e a historia patria.

Constitucionalistas puritanos descobrem nessa prohibição um illegitimo cerceamento da liberdade de profissão, e não falta quem chegue a considerar o alvitre proposto como altamente prejudicial aos interesses da instrucção publica.

Não podemos aceitar essa opinião. O ensino da lingua, da geographia e da historia patria, na escola primaria tem um destino educativo que não poderá ser alcançado pelo ministerio de estranhos, pelo mesmo motivo que não será de esperar um grande fervor christão em cathecumenas iniciadas nos sublimes principios da religião do Nazareno pelos esforços de algum derwiche musulmano.

Não nos parece tambem cabivel o allegado cerceamento de liberdade professional.

A educação do povo constitue um dos elementos basicos da defesa da nação. O professor primario, mesmo o professor particular, que não é estipendiado pelos cofres da nação, exerce uma funcção que não pode ser desempenhada á revelia da acção fiscalizadora do estado.

Cabe a este o incontestavel direito de intervir para assegurar a conservação do espirito nacional como legitimamente lhe competem quaesquer iniciativas para a garantia da defesa da patria.

A exclusão do estrangeiro do exercicio do magisterio primario assenta, pois, nos mesmos principios que legitima o seu afastamento das fileiras das forças armadas, ou do exercicio das funcções em que se deve o poder publico.



## IDEIAS E FACTOS

### Politica de instrucção publica

#### IX

#### O ensino da historia

Entre os capitulos da nossa historia colonial que mais attenção exigem do professorado sobresahe, pela sua importancia, o referente ao periodo assignalado pelos invasões hollandezas.

Multiplos e variados são os aspectos sobre que a meditação dos educadores da infancia brasileira pode e deve se exercitar nas apreciação dessa phase de nossa evolução nacional e do papel que a colonização hollandeza exerceu sobre as regiões submettidas a sua influencia, e, indirectamente, sobre o resto do paiz.

O primeiro ponto interessante a assignalar, a esse respeito, é o que representam os differentes successos daquelle periodo historico, como indices do desenvolvimento da nossa nacionalidade.

As diversas phases da guerra hollandeza e, principalmente, a insurreição pernambucana e seu brilhante desfecho, de facto, testemunham eloquentemente quanto já haviamos evoluído e como o espirito nacional se revelara na capacidade de uma conducta politicamente definida.

Não existisse já esses esquisito e tornar-se-ia impossivel a organização da efficaz resistencia opposta ao inimigo, desde os primeiros dias da luta; é, porém, incontestavel que a verdadeira affirmação da nossa nacionalidade se traduzia na decisiva attitude dos insurgentes pernambucanos, deliberando e executando a expulsão do invasor, não só á revelia, mas contra ordens expressas do poder metropolitano.

É digno de nota a feliz circumstancia que nos proporcionou figuras representativas de cada uma das tres raças, que se caldearam fornecendo o nosso povo, nos chefes da insurreição em que podemos reconhecer o primeiro surto da nossa nacionalidade.

Essa circumstancia parece destinada a rememorar, no futuro, os factores ethuicos da nossa nacionalidade e o papel relevante, que cada um delles desempenhou em nossa historia, não obstante a diversidade de condições das tres raças reunidas sobre o solo brasileiro.

Si a guerra hollandeza representa um marco assignalando o advento da nossa nacionalidade, ella constitue tambem o acontecimento da vida colonial do Brasil, mais proprio a permittir a apreciação da rapidez do nosso progresso nacional, e da influencia que sobre elle exerceu a pressão das duas coroas ibericas.

O estudo comparativo entre as lutas motivadas pelas primeiras invasões francezas e a guerra hollandeza permite, de facto, pôr bem em destaque o extraordinario desenvolvimento da nossa nacionalidade no seculo decorrido entre aquellas duas phases historicas, periodo em que tambem se insere a quadra denominada do dominio hespanhol.

A influencia dessa situação politica no desenrollar da guerra hollandeza não se traduz, entretanto, sómente nos resultados indirectos decorrentes do progresso geral da colonia, e da formação de um verdadeiro espirito nacional entre os seus naturaes; — a guerra hollandeza é tambem optima oportunidade para um estudo comparativo entre as acções das coroas de Portugal e da Hespanha, na assistencia e defesa de sua colonia americana.

O espirito imparcial que se entregar a esse confronto não poderá, com effeito, deixar de reconhecer a maior solicitude desenvolvida pela coroa de Hespanha no soccorro da colonia invadida.

Outro aspecto deveras interessante da invasão hollandeza no Brasil é o da acção governativa altamente progressista, desenvolvida por Mauricio de Nassau.

Estudando essa phase do dominio hollandez em Pernambuco, é conveniente reflectir sobre os documentos que testemunham a adhesão prestada ao governo daquelle eminente estadista pelos vultos mais notaveis da colonia, entre os

quaes se destacam figuras mais tarde postas em evidencia como chefes e personagens influentes da insurreição pernambucana.

Entre esses convem não esquecer João Fernandes Vieira, que tendo prestado apoio e collaboração ao governo de Mauricio de Nassau, mais tarde assumiu papel de destaque na expulsão dos hollandezes, como um dos mais prestigiosos e esforçados chefes do movimento insurgente.

A attitude de João Fernandes Vieira, — apoiando o governo de Mauricio de Nassau e, mais tarde, encabeçando a insurreição que derribou o poder neerlandez — é de molde a suggerir algumas reflexões a respeito da justiça do julgamento historico até hoje lançado contra a memoria de Calabar, e sobre os verdadeiros motivos determinantes do movimento insurgente contra o dominio hollandez.

E não pode ser duvidoso o resultado de taes reflexões, pelo menos, para affirmar que a principal causa do insuccesso da colonização hollandeza no Brasil foi a retirada do primeiro estadista, verdadeiramente digno desse nome, que se preocupou com o governo da nossa terra e o progresso do nosso povo.

—»«—

### Liga dos Amigos da Infancia

#### BIBLIOTHECA INFANTIL

“Tenho para mim que a verdadeira gloria pedagogica dos Estados Unidos está, não nas suas escolas, mas nas numerosissimas e bem fornecidas bibliothecas que possuem annexas ao serviço de ensino”.

O. S. R.

*Escola Primaria, Maio de 1918.*

Ha pouco mais de um anno, foi fundada nesta cidade a “Liga dos Amigos da Infancia”, que se propõe a criação e manutenção de uma Bibliotheca Infantil no Rio de Janeiro, e, sempre que se tornar possivel, a fundação de instituições semelhantes, noutros pontos do territorio nacional, a exemplo do que fazem os educadores nos Estados Unidos, Suissa, Belgica e outros paizes.

E' fóra de toda duvida que tal instituição é digna do maximo acatamento, do mais vivo e franco patrocínio. Ella vem, pôde-se assim dizer, corôar a obra meritoria das “Caixas escolares”. Estas fornecem ás crianças pobres, roupa, calçado, merenda — o pão material — o indispensavel para que possam frequentar a escola; a “Liga dos Amigos da Infancia”, visa, por meio de bons livros, auxiliar a educação da criança, estimulando-lhe o gosto pelas boas leituras que tão grandemente concorrem para o cultivo da intelligencia, o desenvolvimento do caracter, a elevação do espirito.

Collimando tão alto designio, a “Liga” já possui — pequena, embora, pois ainda em começo — uma “Bibliotheca Infantil”, cujos livros, Moraes e instructivos, já são dados a lêr ás crianças.

O prestigio do bom livro, na educação, é innegavel, indiscutivel. É elle o auxiliar do educador, o bom guia, prompto a dissipar as trevas da ignorancia — o maior mal da humanidade, abrindo-lhe as portas aos salutaes esplendores da luz.

Ha na criança determinadas, mesmo pela lei da evolução, tendencias innatas para o bem, que, por assim dizer, lhe dormitam n'alma, e, ás vezes, despertam, crescem, evoluem, á simples leitura de um pequeno conto, de uma narrativa singela, de uma historieta interessante, de uma novella expressiva.

E' dessas propensões naturaes que nos cumpre tirar partido, procurando desenvolver no espirito infantil a curiosidade, o instincto de imitação e de criação do bello, o amor pela verdade, o desejo de só praticar o bem, a ansia de saber, e tudo isso, simultaneamente, com o refrear do vicio e das paixões. Por isso mesmo, que, como disse eminente pedagogo, “educar é dar direcção a tendencias innatas, mas é, ao mesmo tempo, estimular, corrigir e reprimir”.

É a educação auxiliada pela sã leitura é, além de tudo, attrahente. E' digno de nota o interesse que despertam nas crianças os livros de historias e contos de fadas, por exemplo, maximé si são sabiamente illustrados.

E' que essas historias de aventuras maravilhosas, os contos fabulosos, os mythos cheios de fantazia, velam, quasi sempre, verdades profundas, e, embora isso não possa ainda penetrar a alma in-



fantil, satisfazem-n'a, comtudo, as notas de justiça que descobre atravez de todo o enredo lendario, em cujo epilogo, aquelle que muito soffre, muito luta pela realização de um nobre idéal e tem, finalmente, as mais bellas recompensas, em que o vicio é atacado e premiada a virtude, em que o oppressor é vencido e victorioso o opprimido.

Entanto, como é doloroso pensarmos que ha innumeradas creaturinhas, patricias nossas, avidas de sãs leituras, transmissoras de sabios ensinamentos, e, não obstante, privadas de taes influencias beneficicas, de taes incentivos bemfazejos e impulsioneiros da educação, mórmente em seus primeiros estagios!

E, não sómente ellas se resentem de tal falta, mas ainda, até os proprios paes, pois, sabemos que, quando a qualquer de nossas crianças chega ás mãos um "livro de historias", seu maior prazer é lê-lo em voz alta, para que aquelles ouçam e tambem se deliciem com os bellos contos que á sua alma infantil tanto aprazem.

E, que de suggestões felizes se trocam então nessas sessões de leitura, em que, em communidade, são commentadas e apreciadas a vantagem do esforço colectivo no trabalho, a força da abnegação, da bondade, do amor patrio!

Desse modo, deixa de ser sómente a criança a beneficiada com a preciosa leitura: os parentes tambem della aproveitam, aos seus tambem attingem os reflexos das lições salutaras.

Como vemos, é de real utilidade e summa importancia, o trabalho de que se occupa a "Liga dos Amigos da Infancia" — a instituição de uma "Bibliotheca Infantil". Esta é, póde-se assim dizer, um instrumento contra o analfabetismo reinante. E, "no momento actual" disse luminoso espirito, o mais sublime dos sacerdocios, a mais grandiloqua missão, é extinguir o analfabetismo e educar a infancia, sob os sãos principios da Paz e da Fraternidade Universal".

Collegas: Tomemos a peito esta obra grandiosa, empenhemo-nos para ver realizado o nobre idéal da "Liga dos Amigos da Infancia". Que não seja esta, como tantas outras, fadada a viver obscuramente, á custa de restricto numero de devotados.

Collaboremos todos, congreguemos nossas energias num convergente esforço

solidario, para facilitar á infancia de nossa patria querida o acesso a uma solida educação, aos elevados cimos da vida, da sciencia, do bem, da verdade, da luz. Demos-lhe por bons guias— a par de sabias lições, corroboradas pelo proprio exemplo — livros que lhe transmittam cousas uteis, numa linguagem singela, desataviada, amena, cheia de insinuações felizes.

Demos-lhe livros que, despertando-lhe emoções puras, mediante a divulgação de sãos principios de ethica superior, concorram para moldar-lhe o character e as tendencias, no amor ao Bello, ao Justo, á Verdade.

Facilitemos-lhe a companhia desses "bons amigos", os livros, dos quaes Flammarion disse, em uma de suas obras:

"Oh! como os livros são bons amigos! Nós os escolhemos a nosso gosto, nós os consultamos, e elles nos são fieis; instruem-nos, illuminam-nos, guiam-nos e consolam-nos. Constituem sociedade intellectual, intelligente, distincta, de todos os tempos e de todos os paizes, á qual associamos nosso espirito em horas de sonho, meditação e repouso".

Concorramos, pois, para que se não vejam privadas de tão bons amigos, de tão benefica sociedade, as nossas queridas crianças.

Quiemol-as, cultivemos essas mimosas "plantas de Deus", no dizer de Fröebel, com o extremado carinho de que são dignas, afim de que possam crescer, florir e frutificar numa humanidade nova, exuberantemente sã e vigorosa, physica, moral e intellectualmente.

"Aproveitemos, como diz insigne educador, as seducções industriosas da nossa moerna pedagogia: livros abundantemente illustrados, collecções scientificas, gravuras em profusão", e, tudo isso, sabiamente escolhido, distribuamos ás crianças.

Estimularão nellas o amor á leitura, despertar-lhes-ão puras emoções, robustecer-lhes-ão as debeis intelligencias, deleitando-lhes as almas. Serão, por assim dizer, o cysol onde se irão apurar seus sentimentos e emoções, facultando-lhes ensejo de conhecerem a necessidade da tolerancia, do amor para com todos os seres e do mais sincero sentimento de verdadeira fraternidade.

Esta é a mais louvavel de todas as

nossas aspirações, e sagrado dever nosso é auxiliar a tudo que visa a sua realização. Cooperemos, pois, todos com a "Liga dos Amigos da Infancia" para a realização de seu mais alevantado designio: dispense-mos ás crianças solida educação, e dissipemos-lhes as trevas da ignorancia com o auxilio da luz scintillante dos bons livros, cujas letras, no expressar de magnifico poeta, "brilham mais do que, juntas, todas as constellações do universo!"

DEOLINDA FERNANDES.

—»O«—

## O ensino da pedagogia

Entre as questões relativas á instrucção publica avultam, pela sua alta importancia, as que dizem respeito á formação profissional do professor, pois é impossivel ter bom ensino onde faltar o bom mestre.

Obter o bom mestre, o professor melhor preparado a bem educar e bem instruir seus discipulos, deve ser, portanto, a preocupação maxima dos dirigentes da instrucção do povo.

E' certo que a excellencia de um mestre não pode ser medida pela maior ou menor somma de conhecimentos, que elle tenha adquirido e assimilado; nem sempre melhor mestre é o que mais sabe ou o que mais procura ensinar a seus discipulos.

A capacidade professoral, em qualquer dos grãos do ensino, resulta de predicados dos quaes o saber e mesmo o dom de transmittir constituem elementos necessarios, mas não sufficientes. O verdadeiro mestre nasce, como nasce o estrategista, fadado ás grandes concepções, que encerram o segredo da victoria.

Pestalozzi e Froebel não são productos de uma formação profissional, segundo os moldes de qualquer escola ou systema. Jamais poderemos, portanto, pretender caldear-lhes reproduções.

Carecemos, entretanto, de formar professores em condições de seguirem os passos daquelles grandes mestres, aproveitando-lhes os conselhos e bebendo-lhes as lições, para o que será mister ministrar aos candidatos ao magisterio uma solida cultura, de accordo com o grão do ensino a que se devam dedicar, ao mesmo tempo que se procure desenvolver nelles todas as qualidades indispensaveis em um professor.

Nessa formação profissional do futuro mestre a parte educativa sobreleva, sem duvida, como a mais importante e a mais difficil de executar. Isso, porém, não significa que o ca-

acter profissional da formação do professor resulte unicamente dessa parte educativa, pois é bem aprendendo que se aprende a bem ensinar.

Será com o bom professor de cada uma das differentes materias, que o futuro mestre tiver de professar, que elle aprenderá a conhecer os escolhos do ensino de cada uma dessas disciplinas.

Não é difficil reconhecer, com effeito, o absurdo de se incumbir, quem nunca ensinou arithmetica, por exemplo, de iniciar futuros professores nos segredos da methodologia do ensino da arithmetica...

E, mesmo, quando ensinada por um professor competente e experimentado, a methodologia de cada uma das differentes materias não deverá ser exposta sob a fórmula de principios, leccionados em separado da doutrina a que elles se referem, pois o methodo é inseparavel da doutrina.

Não será, porém, completa a formação profissional do futuro mestre pela sua simples iniciação nos segredos da methodologia do ensino das differentes disciplinas feita por seus respectivos professores. A missão do professor exige, de facto, um perfeito conhecimento, não só das materias que elle deva ensinar e dos methodos pelos quaes tal ensino deva ser feito, mas tambem das condições cerebraes do alumno e da influencia que ellas exercem na sua educação, tanto intellectual como moral.

São indispensaveis, portanto, para a formação do futuro mestre, estudos de psychologia applicada á educação, feitos sob um ponto de vista eminentemente pratico e orientados por um criterio dictado pelo seu destino exclusivamente pedagogico.

Taes estudos, completados por uma parte geral, abrangendo a verdadeira propedeutica magistral, constituem a disciplina essencialmente technica da formação do futuro mestre. Não se concebe, pois, que um professor de pedagogia não seja, antes de tudo, um professor experimentado na arte do ensino, em quem a larga experiencia seja esclarecida por uma solida cultura scientifica, permittindo-lhe interpretar os differentes casos observados em seu tirocinio profissional, á luz de principios systematicos.

O ensino da pedagogia representa, portanto, na preparação do futuro mestre, papel semelhante ao da clinica na formação do medico, ou ao da estrategia para os que se destinam á carreira das armas: são disciplinas eminentemente technicas, que só podem ser convenientemente professadas por technicos, em continuado exercicio de suas respectivas profissões.

E', por isso, para evitar a degeneração de um ensino technico de character profissional e pratico em curso livresco, inutil quando não prejudicial, que, nas escolas medicas, os professores de clinica são mantidos na actividade profissional pela responsabilidade da direcção de

## O HOTEL "ELITE" DE CAMBUQUIRA

é um estabelecimento dos melhores no genero.

Edificio novo, especialmente construido para esse fim, dispõe de todas as installações para proporcionar aos seus hospedes o maximo de conforto. Propriedade de JULIO LEMOS



enfermarias, onde leccionam a seus alumnos e que os cursos de estratégia, como os de tática, são hoje professados, em todos os paizes, por profissionaes chamados em commissão á cathedra magistral por um curto periodo, em geral de tres a cinco annos.

São multiplas as vantagens d'esse systema. Em primeiro logar, garante-se o ensino tecnico por profissionaes, afastando-se a possibilidade da improvisação de um professor unicamente dotado de uma cultura livresca, mais ou menos mal arranjada...

Garante-se, ainda, pelo pequeno prazo da commissão de magisterio, que o tecnico, chamado á regencia do ensino, não perca o seu caracter profissional.

Altamente conveniente seria a adopção de identico systema para o ensino de pedagogia em nossas escolas normaes. A regencia das cadeiras dessa disciplina poderia ser confiada a professores cathedricos, do ensino primario de letras, chamados, em commissão, ao exercicio do magisterio normal, por um prazo nunca superior a cinco annos. D'esse modo, o ensino de pedagogia poderá dar resultados efficazes, perdendo o caracter artificial resultante da falta de tirocinio de professores que nunca se consagraram ao ensino das disciplinas que devem ser professadas pelos futuros mestres, seus alumnos.

Emquanto, porém, assim não se fizer, salvo excepções raras e sómente confirmadoras da regra geral, o ensino da pedagogia será uma inutil superfectação nos cursos normaes, disciplina estudada de cór, sem comprehensão nem assimilação, com o objectivo unico de satisfazer as provas de exame.

—»O«—

## ESCOLAS MATERNAES E SUAS VANTAGENS

A idéa generosa de querer dar ás crianças um abrigo puro, quanto ao moral e saudavel, quanto ao physico, devemos á concepção de Diderot, no anno de 1763.

Em 1770, o parochio Oberlin, natural de Strasburgo, fundou em Bau de la Roche o primeiro estabelecimento desse genero, sendo delle directora sua esposa Salmé Witer.

A sala de asylo foi, desde o inicio, uma escola educadora, transformadora e regeneradora do ensino do povo.

O berlin em 1771, com o auxilio de Sára Bauzet e de Luiza Scheppler, que chegou a sacrificar os seus haveres, levou a abnegação ao ponto de governar e dirigir onze asilos em Schurmech.

Sob a benefica influencia desses asylos, a região de Bau de la Roche tornou-se agricola, industrial e florescente e sua população, de grosseira, transmudou-se em affavel e instruida.

Foram estes estabelecimentos pouco a pouco recebendo nomes diferentes: *enfant school* entre os inglezes; *salles d'asyle* na França; *asylti infantili* na Italia e, na Allemanha, *kindergarten*, adaptados e melhorados pelo espirito do edu-

cador thuringiano Prederico Fröbel, que assentou a formula definitiva da educação preliminar.

A obra de Fröbel progrediu em toda a Allemanha e progride ainda em todos os paizes europeus, excepto Portugal.

E' admiravel a vitalidade com que a semente germinou no solo feliz da America do Norte. Em S. Luiz, no anno de 1875 e 76, eram doze os estabelecimentos e em 1879, cincoenta, graças aos esforços de muitas mães, auxiliares que se offerciam espontaneamente para aprender os processos frabelianos e applicarem em suas proprias casas. Os resultados foram tão grandes que um americano notal proferiu, entusiasmado:

«Ao pé de cada escola um *kindergarten*!»

Esta instituição passou á America do Sul. Inaugurou-se o 1º Jardim na Republica Argentina.

No Rio de Janeiro foi o primeiro jardim fundado, particularmente, no anno de 1882 pelo dr. Menezes Vieira e por sua esposa, a directora, D. Carlota de Menezes Vieira.

Em S. Paulo, no anno de 1895, installou-se um apresentando-se logo á sua matricula duzentas creanças.

Alguns annos depois, eram fundados aqui, no Districto Federal, dois estabelecimentos congeneres: um no campo de Sta. Anna, sob a direcção da senhorita Zulmira Feital, e outro na rua Marechal Hermes, sob os auspicios de D. Adelina Savart de Saint Brisson.

Na mesma época a Italia fundava a primeira *Casa dei Bambini*, sol a direcção da Doutora Maria Montessori.

Finalmente, entre nós, nas escolas municipaes, foram creadas, em algumas, as classes maternas, que infelizmente poucos resultados lograram obter, principalmente, pela falta continua do material adequado.

A meu ver, mesmo sob a influencia de outras circumstancias que não as actuaes, essas classes não deviam fazer parte dos cursos das escolas municipaes de letras.

Deviamos, sim, possuir perfeitamente aparelhados e com existencia propria, em cada districto escolar, um Jardim da Infancia, propriamente dito.

O jardim é, segundo Menezes Vieira, uma instituição que tem por fim educar crianças de tres a sete annos, aproveitando as apidões, modificando a indole, formando o caracter, despertando e auxiliando o desenvolvimento das faculdades physicas, moraes e intellectuaes. Inocula o amor ao trabalho, o culto á yirtude, prende-se insensivelmente á familia e á escola.

O jardim representa uma familia numerosa dando ás professoras o desempenho dos deveres maternas.

### Vejamos quaes as vantagens que oferecem os jardins.

As crianças, no meio familiar, desde 8 mezes, trabalham com o cerebro notando invisivelmente as diferentes inflexões da voz e insensivelmente guardando breves impressões. Estas impressões perduram e ellas, nesse ma-

biente, transformam, e aproveitam os instinctos sem cansaço, sem prejuizo para o futuro. Assim tambem os infantes entregues ao jardim desenvolvem as faculdades mentaes com extrema facilidade.

Está provado, mediante documentos adquiridos por alguns educadores inglezes e americanos do norte, que os Jardins offerecem vantagens extraordinarias para a futura vida escolar.

As crianças que passam pelos jardins têm desenvolvimento das mãos correspondente ao do cerebro, de modo que os seus espiritos estão aptos «a guiar intellectualmente as mãos e a apanhar novas idéas».

«O vocabulario da criança do Jardim e, em consequencia, o seu poder de expressão é tambem maior.»

E' menos acanhada e timida.» A experiencia adquirida no Jardim auxilia-a na leitura e na relação aos numeros, faz operar com uma rapidez, de que se resentem as crianças que os não frequentaram.

Com alguma pratica do ensino de Jardim de Infancia, noto que os respectivos jogos e brinquedos dotam as crianças de extraordinaria actividade motora, bem como de um poder de observação muitissimo desenvolvido, tornando-se, assim, positivos auxiliares dos futuros conhecimentos na escola primaria.

Desenvolvem-se ainda mais, com facilidade nos jardins, os instinctos musicaes ou artisticos, de indagação, de sociabilidade e religião.

Recommendo á attenção dos interessados, pelo assumpto, o magnifico trabalho sobre classes maternas de Méry et Genevrier, onde esplendidas photographias nos mostram as aulas de jogos e de jardinagem de Mlle. Fanta.

AZURITA R. DE BRITTO

—»O«—

## "A Escola Primaria"

"A Escola Primaria" tem continuado a merecer benevola acolhida entre professores e homens de letras, que lhe prodigalizam encomios e louvores.

E' desnecessario insistir no quanto nos desvanecem e encorajam os estimulos que, assim, nos dispensam e entre os quaes folgamos de registrar as seguintes palavras com que o bello espirito de Osorio Duque Estrada, generosamente, comentou o nosso numero de Setembro ultimo, no seu apreciado «Registro», do «Jornal do Brasil» de 15 de Novembro passado

\*\*\*

«A Escola Primaria», revista pedagogica.

Está publicado, em edição de 60 paginas e de 20.000 exemplares, o n. 8º, 5º

anno, desta admiravel e utilissima revista, que aqui se publica sob a direcção dos inspectores escolares do Districto Federal. O numero é todo dedicado á commemoração do centenario da nossa independencia nas escolas primarias e, além de alguns artigos de valor (o de Augusto Lima, acerca da *União e o Ensino Primario*, e o de Ignacio Amaral, relativo ao estudo da *Geographia*) traz, nas primeiras paginas, um programma, que parece já semi-official, para a commemoração daquelle grande facto da nossa historia. A publicação, além de opportuna, é de grande utilidade e, mais uma vez, só tenho palavras de louvor e de applausos para a alta competencia e o grande valor intellectual do seu illustre director, moço de notaveis predicados e brilhantissima cultura, que fazem delle uma das mais legitimas glorias do magisterio brasileiro. Este alto conceito e esta elevadissima conta, em que tive sempre os indiscutíveis meritos do Dr. Ignacio Amaral dão-me o direito de fazer duas restricções na minha apreciação encomiastica ao presente numero da brilhante publicação pedagogica.

O primeiro reparo traduz o natural resentimento que resulta do facto, verdadeiramente estranhavel, de haver a direcção da *Escola Primaria* aceitado de braços abertos a memoria que li na Academia de Letras acerca dos precursores da independencia; e, em vez de simples declaração de não ser solidaria com os conceitos alli emitidos acerca do *patriarchado* de José Bonifacio, estampar, logo abaixo, um artigo do seu illustrado director, em que é ostensivamente rebatido aquelle ponto do meu trabalho e censurado o criterio dos que se não conformam com o titulo outorgado ao ambicioso ministro de D. Pedro 1º pelo belchior de livros da rua do Ouvidor e pela fantasia de Latino Coelho, repetida pelos muitos phonographos dos dous apostolos da rua Benjamin Constant, e por alguns homens de valor, como o Dr. Ignacio Amaral. Melhor fôra que não houvesse a direcção da *Escola Primaria* incluído o artigo nas brilhantes columnas da acreditada revista, para não dar a impressão de alguém que, tendo concedido fidalga hospitalidade a um pobre caminheiro, não hesitasse em metter-lhe o pão dentro da sua propria casa.



O outro reparo, relativo ainda á mesma divergencia doutrinaria, refere-se a um ponto que vem marear o intelligentissimo e bello programma organizado para a commemoração do centenario : aquelle em que se diz com preocupação sectaria que «*devem ser assignalados os motivos que retardaram a acção do governo, demorando a expedição do decreto de 3 de junho, e que é mister explicar porque medearam tantos mezes entre o acto que chamou á capital os procuradores das provincias (16 de fevereiro) e o que convocou a Assembléa Constituinte, relembrando a necessidade em que se achava o governo do Rio de Janeiro de receber o apoio e adhesão das provincias brasileiras onde ainda se fazia sentir a influencia portugueza.*»

Para justificar a convocação da Constituinte, sómente em 3 de junho, recordará o professor que a adhesão pernambucana, alcançada pelo esforço de Vasconcellos de Drummond, agindo de concerto e por ordem de José Bonifacio, só foi solemnemente pronunciada a 2 de junho de 1822.

Esta parte do programma não póde nelle permanecer, porque é tendenciosa, visa responder a Barboza Lima (publicista pernambucano contrario a José Bonifacio), impõe uma humilhação ao magisterio de Pernambuco, falseia, mais uma vez, a historia da Independencia, já tantas vezes fantaziada, e procura desfazer tambem o ponto da minha memoria, em que deixo assignalada a opposição formal de José Bonifacio á convocação da Constituinte—passo decisivo para a nossa emancipação politica, e de iniciativa de Gonçalves Ledo, e não do supposto patriarcha, como teimosa e obstinadamente se quer fazer acreditar.

Tratando deste ponto na minha memoria, citei primeiramente o seguinte trecho de um discurso do veneravel Vis-

conde de Sapucahy, publicado no *Correio Official* de 28 de Dezembro de 1833 e até ha pouco nunca, jamais contestado :

«*Appareceu, por fim, o decreto de 3 de junho, e nem ao menos foi redigido pelo senhor Bonifacio, pois sabemos sahio todo da penna do Sr. Ledo ; tal era o seu desejo de fazer a independencia do Brasil!*»

Isto disse o Visconde de Sapucahy, ministro da Fazenda, depois de affirmar ao parlamento, sem contestação, que José Bonifacio, ao saber da representação que lhe ia ser dirigida, solicitando a convocação da Constituinte, exclamara :— «*Hei de dar um ponta-pé nestes revolucionarios e atirar com elles no inferno!*» E pouco depois :— «*Hei de enforçar estes constitucionalistas na praça da Constituição!*»

A hostilidade de José Bonifacio á idéa da convocação da Constituinte resalta ainda da recente obra de Varnhagen (*Historia da Independencia*) que confirma in totum o que disse o Marquez de Sapucahy.

Basta ler o seguinte trecho :

«*Foi Ledo quem se incumbiu de redigir e pronunciar o requerimento ao Principe e começou dizendo :— Senhor ! a salvação publica, a integridade da nação, o decoro do Brasil e a gloria de V. A. R. instam, urgem e imperiosamente commandam que V. A. R. faça convocar com a maior brevidade possivel uma assembléa geral de representantes das provincias do Brasil.*»

EXTREMECERAM OS MINISTROS com a audacia das proposições proferidas por Ledo, que nenhuma leitura previa lhes havia feito da mencionada representação ; porém, reconhecendo o estado da effervescencia popular e impossibilidade de se opporem á torrente, sem serem por ella derribados, apressaram-se a escrever na

*propria representação de Ledo, assignada por seu companheiro (Azevedo Coutinho) e por Obes, que «COM ELLA SE CONFORMAVAM) ; e NESSE MESMO DIA foi lavrado o decreto da convocação».*

Esmagados ao peso dos argumentos, recorrem certos historiadores e philosophos á balela de que Varnhagen era inimigo de José Bonifacio, sem se lembrarem de que até mesmo o depoimento dos inimigos tem pleno valor juridico quando está de accordo com as circunstancias que rodeiam o facto Mas... não é tudo: o trecho de Varnhagen, que confirma plenamente a allegação do Visconde de Sapucahy, é, por sua vez, confirmada pela seguinte significativa do Barão do Rio Branco :— «*CONFIRMAMO-NOS (assignados) José Bonifacio de Andrade e Silva —Caetano Pinto da Miranda Montenegro —Joaquim de Oliveira Alvares. Nesse mesmo dia 3 de junho, o deputado do Estado Cisplatino, Lucas José Obes, no discurso que proferiu na reunião do Conselho, exclamou :— «De hoy á ayer, que distancia ! De ayer á hoy que gloria para V. A. R. ! Que venturas para todos nososotros ! Ayer no teniamos patria, ayer no teniamos soberano, hoy lo tenemos todo ! Y tenemos más que todo eso, porque tenemos á V. A. R. Está vencido el gran paso ; lo que resta ser obra del tiempo.»*

A este gran paso se havia decididamente opposto o patriarcha da Independencia. Não é possivel, portanto, humilhar um Estado da União (que derramou, como nenhum outro, o sangue de seus martyres na conquista da Independencia, para agradar a outro, com a conservação de lendas e fantazias ha muito tempo dissipadas.

A commemoração do grande acontecimento deve inspirar-se na gloria commum e promover a solidariedade de todos os Brasileiros, e não despertar antipathias, ciumes e rivalidades, que devem ser evitadas.

Convém, pois, terminar aquelle ponto escuro do bellissimo programma organizado pela direcção d'A Escola Primaria.

tario do nosso querido amigo e eminente collaborador.

A primeira observação a que nos sentimos obrigados é a de que «A Escola Primaria» jamais seria capaz de metter o páo dentro da sua propria casa a quem quer que a honrasse com a sua collaboração e essa regra geral, que nunca foi nem será infringida, certamente não seria desrespeitada exactamente quando o collaborador fosse um amigo querido como Osorio Duque Estrada, por todos os titulos credor, não só do nosso respeito, mas tambem do nosso carinho.

O segundo ponto sobre que não podemos manter silencio é o relativo ao commentario do topico do programma por nós organizado para a commemoração do centenario, topico em que declaramos deverem ser assignalados os motivos que retardaram a expedição do decreto de 3 de junho de 1822.

Não podemos concordar com os intuitos que nos attribue o nosso eminente collaborador por lembrarmos «que a adhesão pernambucana, alcançada pelo esforço de Vasconcellos de Drummond, agindo de concerto e por ordem de José Bonifacio, só foi solemnemente pronunciada a 2 de junho de 1822.»

A nossa affirmativa traduz, simplesmente, a verdade historica comprovada por documentação já publicada por Mello Moraes em sua Historia do Brasil-Reino e do Brasil-Imperio.

Não se nos podem attribuir intuitos tendenciosos, que não temos, nem tão pouco o facto que lembramos e se acha documentado pode importar em humilhação a quem quer que seja, ou a sua citação contribuir para o falseamento da verdade historica.

«A Escola Primaria» tambem mereceu de Junior, o festejado Redactor da «Chronica do Ensino», do Jornal do Brasil», que tanto brilho imprimiu á representação do Estado do Amazonas na Conferencia Interestadual do Ensino Primario, a seguinte benevola referencia, que encerra a «chronica» de 24 de Novembro ultimo :

«A Escola Primaria já mereceu do chronista literario as elogiosas referencias a que fez jús

AGAS DAS NOVIDADES

LUVARIA GOMES

Meias. luvas, leques, bolsas, carteiras, rendas, fitas, calares, pulseiras, brincos e chapéos para meninas e senhoras.

A's Exmas. professoras municipaes faz-se o desconto de 10%

38, Travessa S. Francisco, 38

Não podemos, tambem, deixar passar sem reparo dois pontos do commen-



pelo bellissimo numero distribuido. Obra de uua empreza particular, lutando como, todas as emprezas deste genero, com innumeradas difficuldades para vencer, ella vae conquistando um logar de destaque, pondo em relevo a alta capacidade do seu director literario.

O numero que temos á vista, dedicado ao centenario da independencia, honra a sua direcção e está sendo distribuido gratuitamente por todo o professorado.»

## BIBLIOGRAPHIA

### Recebemos:

Revista Nacional, anno I, n. 2, excellente publicação editada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo.

O presente numero traz o seguinte sumario: Uma grande princeza, pelo Dr. Luiz Aranha; Transformação do scenario de 7 de Setembro, pelo Dr. Affonso de E. Taunay; Senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, pelo Dr. Djalma Fayaz; A imprensa no Brasil, por C. T.; Fructos da terra, por Alberto Rangel; Coisas da lingua, por Othoniel Motta; O ensino da Logica nos gymnasios officiaes paulistas, pelo Dr. Abilio Miller; O aprendizado activo, por José R. de Escobar; Commemoração educativa, por Mario Pinto Silva; Conferencia inter-estadual de Ensino Primario, por A. de Moura; Educação physica, por J. Roca Dadal; Catalogação systematica, por Alfredo J. dos Santos Diniz; O mez historico; Revista das Letras.

O Nascente, anno I, n. 2, orgão mensal dos alumnos do Lyceu de Artes e Officios.

O Marujo, anno I, n. 7, orgão official do Abrigo do Marinheiro.

## EXPEDIENTE

“A Escola primaria” circulou em todo o Brasil.

Os pedidos de assignaturas devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á

Redacção da «Escola Primaria»  
Rua Sete de Setembro, 174—1º andar.

As collecções dos annos anteriores, de 1916-1917, 1917-1918, 1918-1919 e 1920-1921, são vendidas na mesma redacção ao preço de 15\$000 cada anno, em avulsos, e 18\$000, em volumes encadernados. Os pedidos de collecções, pelo correio, deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000 por collecção annual, para o registro postal.

Os numeros avulsos dos annos de 1916, 1917, 1918, 1919 e 1920 serão vendidos na redacção, pelo preço de 1\$500 exemplar.

Os pedidos de numeros avulsos, pelo correio, deverão vir acompanhados da respectiva importancia e mais o valor dos sellos para expedição, á razão de 10 réis por exemplar.

Aos professores primarios que tomarem desde já a assignatura do anno de 1922-1923 d'«A Escola Primaria» offerecemos, a titulo de bonificação, um abatimento de 50% nos numeros 10, 11 e 12 (Novembro, Dezembro e Janeiro), que faltam para completar o 5º anno da revista.

Para esse fim, deverão os srs. professores remetter-nos, além da importancia de 9\$000, correspondente á assignatura do anno, mais 2\$000 pelos quatro numeros avulsos.

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem, por escripto, tanto as communicações de mudanças de endereço, como quaesquer reclamações relativas á remessa da revista.

Os Snrs. assignantes, annunciantes e quaesquer pessoas que tenham negocios a tratar com a administração desta revista poderão procurar o gerente na redacção, das 15 ás 17 horas, nos dias uteis.

## Correspondencia

E. M. — Está enganado. O almirante reformado Alexandrino Faria de Alencar não é veterano da campanha da Independencia. Provavelmente, ha confusão com o Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquez de Tamandaré, heroe e illustre marinheiro, ja fallecido e que, si vivo fosse, seria um pouco mais velho do que o actual senador pelo Estado do Amazonas.

E. N. F. (Corumbá) — Recebemos a sua consulta sobre operações abreviadas e o pedido de explicações sobre a pagina 116 do Almanach Bertrand, para 1913; não escrevemos a resposta neste numero por falta de espaço.

## II-A ESCOLA

### A lingua portugueza nas escolas primarias

O illustrem este Snr. Julio Nogueira, certamente, não levará a mal que insistamos no estudo do seu artigo publicado nesta revista em Agosto ultimo, sob o titulo supra. Seu nome, como professor da lingua vernacula, é por demais acatado no seio do magisterio primario e por nós outros que, meramente por agradável diversão, espiamos taes assumptos.

No referido artigo ha um trecho que não ficou sufficientemente claro e que trouxe ao espirito dos estudiosos, e dos curiosos como nós, dúvidas sobre doutrina antiga e que sempre nos pareceu incontrovertida.

Diz o abalisado mestre:

“Outra velharia que se reproduz nas grammaticas são as chamadas *figuras de dicção*, comprehendidas em relação ás palavras, como as figuras de pensamento em relação á phrase. Muitas vezes, por experiencia, tenho pedido a examinandos que se apresentam no Collegio Pedro II, a explicação de palavras como *produze, feroce, dino*, e outras que se encontram nos *Lusidas*; a resposta de quasi todos é que são as palavras *produz, digno*, etc. augmentadas ou diminuidas pelas figuras *paragoge, syncope* e quejandos disparates, que dão a impressão de que o poeta augmentava ou diminuía as palavras á feição de suas necessidades metricas. A existencia de taes fórmas na prosa antiga ainda não conseguiu demover esses grammaticographos, que se vão repetindo cegamente, fechando os olhos á evidencia.”

E' certo que as *figuras de dicção* constituem verdadeira velharia; são do tempo das primitivas grammaticas; por ellas, explicou João de Barros, ha quasi quatro seculos varios phenomenos phoneticos. O que não me parece bem comprehensível é censurar o illustre mestre que se reproduza tal velharia nas grammaticas modernas, principalmente quando elle proprio se baseia na *aphérese* para, no trecho immediato ao que commentamos, explicar as combinações *no, na, neste*, etc., como já vimos em artigo anterior.

Como pejorativamente chamar ve-

lharia a recurso de tanto valor, cujo estudo é «de importancia capital para o conhecimento da formação e filiação de uma lingua», como diz o Dr. Carneiro Ribeiro na sua modernissima grammatica?

«Em suas relações com o *latim* e, sobretudo, com o *latim vulgar*, que constitue o fundo do vocabulario de nossa lingua—diz ainda esse erudito grammatico—é que se nota a importancia do conhecimento dessas mudanças, pela maior parte euphonicas, a que se dá a denominação de *figuras de dicção ou metaplasmos*.»

O Visconde de Castilho, «sem contradicção mestre guapissimo da nossa lingua, este, até, fez a seguinte «fórmula para se decorar sem custo os nomes e prestimo das seis figuras»:

Principios come a *Aphérese*;  
a *Prótese* os inventa;  
no meio tira a *Syncope*;  
a *Epênthese* accrescenta;  
corta nos fins a *Apócope*;  
*Paragoge* os augmenta.

E' elle, o doutissimo Castilho, quem diz: «O uso geral de um povo altera, *no correr dos annos*, muitas palavras *por todos os seis modos indicados*».

Não nos parece tambem que mereça a denominação de «disparate» a explicação dada por examinandos no Collegio Pedro II.

Para os que lidam nas escolas primarias, onde, segundo o illustre professor Nogueira, «não chegou ainda o influxo benefico da philologia moderna», precisamos entrar em certas minudencias como esta:

*Feroce*, usado por Camões, no plural, nas estr. 68 e 100 do canto X e na estr. 72 do canto III, em que rima *feroces* com *atroces*, é a fórma vernacula primitiva e classica. Vem do accusativo latino *ferocem*. «Mas, como a desinencia *m* deixou, no *latim*, de se pronunciar relativamente muito cedo», conforme ensina Meyer-Lübke, (1) deu-se a *apócope*, o cóрте ou quédia do *m*, na propria phone-

(1) *Introdução ao Estudo da Glotologia Romanica. Redacção portugueza*, pg. 42.



tica latina, e assim apocopado passou o vocabulo para o portuguez. Ahi, mais tarde, deu-se o abrandamento do phonema final, naturalmente por eustomia, que transformou *feroce* em *feroz* (não, em *feroze*).

Com *produz* deu-se phenomeno inteiramente analogo: *produzir* em latim é *producere*; a terceira pessoa do singular do indicativo é *producit*, que, perdendo o *t*, (2) ou pela transformação do *it* em *e*, deu *produce*. Vindo assim do latim, *produce*, por analogia com o que se passou com *feroce*, *atroce*, *felice*, *audace*, etc., deu *produz*. O mesmo aconteceu com outros compostos de *dúcere*, como *introducere*, *condúcere*, *dedúcere* (v. g. *introducit* deu *introduce*, *introduz* *introduze*).

Portanto, não parece erro dizer se que *produz* é *produce*, por *paragoge*, ou vice-versa; *produce* é «a fórma apocope», como diz Epiphanyo no seu *Registo Philologico*. E, si o examinando errou, disparatadamente, errou com as autoridades maximas: de Castilho, no seu *Tratado de Metrificação*, pg. 20; de Sales Lencastre, um dos modernos interpretadores dos *Luziadas*, na sua edição de 1915, pg. 42; de Carneiro Ribeiro na sua *Grammatica*, tambem de 1913, pg. 26, estando todos avindos em considerar cabida a figura *paragoge* em *produce*, *martyre*, *felice*. por *produz*, *martyr*, *feliz*, e isso, naturalmente, em virtude da regra 3ª estabelecida pelo proprio castilho:

"Quando, ou o uso geral do fallar contemporaneo, ou o dos poetas de boa nota, tem prevalecido, e a palavra é já mais conhecida e familiar na sua fórma figurada, do que o seria no seu primitivo genuino ser, então o vicio e a virtude trocam entre si os nomes; o figurado fica sendo o natural, e o natural figurado".

Quanto a *digno* passar a *dino* ou vice-versa, como explicou o examinando, parece não chegar a ser disparate; e, em virtude da regra supra, podemos, até, dizer que *fuera muy bien dicho*.

Adolpho Coelho, no seu glossario que precede á edição dos *Luziadas* com-

(2) Na 3ª pessoa deu-se em todos os tempos dos verbos, na passagem do latim para o portuguez, a queda do *t* final, que, desde o 4º seculo, não mais soava na linguagem popular de Roma, como ensinam Pacheco e Lameira na sua Grammatica.

memorativa do terceiro centenario da morte do famoso épico, diz: «As edições *modernas* poem *digno* fóra da rima, e *dino* na rima; da mesma maneira escrevem os derivados e compostos *dignar* e *indignar*, etc., ora com *g*, ora sem *g*». Epiphanyo Dias, porém, que fez a sua eruditissima edição, tendo presentes as duas edições impressas em 1572, affirma ter Camões usado das duas fórmulas. Para rimas bem nitidamente expressas em *ino* ou *ina* empregava *dino* ou *dina*, como na estr. 22, do canto I, em que elle rimou *dino* com *crystallino* e com *divino*, au na extr. 96 do canto III, em que rimou *dina* com *Alexandrina* e com *divina*. Fóra da rima, empregou *digno*, como na estr. 36 do canto VII e em muitas outras, não deixando de empregar tambem *dino* ou *dina*. Na estr. 54 do canto X rimou *dignidade* (com *g*) com *necessidade* e com *idade*. Na estr. 93 do canto IX vem, até, o adverbio *indignamente* (com *g*) rimando com *urgente* e com *gente*, e o verbo *indignarse* (tambem com *g*) apparece no setimo verso da ultima estr. do canto I:

Que não se arme e se *indigne* o Céu sereno  
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

«Parece-me, conclue Epiphanyo, que ainda na segunda metade do seculo XVI e na primeira metade, pelo menos, do seculo XVII, *digno* era apenas graphia erudita, *continuando a pronuncia a ser *dino**.»

Logo, foi a graphia erudita *digno* que, syncopada, pela phonetica, deu *dino*.

Resta-nos ainda um commentario, a proposito da «impressão de que o poeta augmentava ou diminuia as palavras á feição de suas necessidades metricas», o que até certo ponto é uma verdade, porque as *figuras de palavras*, como diz Lencastre, são «*autorizadas pela necessidade da rima ou da metrificação*, pelo exemplo de linguagem popular, ou antiquada, ou apuro literario originado pela leitura de classicos».

«Os poetas empregam frequentemente esses metaplasmos *de proposito por conveniencia da rima ou da metrificação*», repete Lencastre seis paginas adiante.

Castilho, o severissimo Castilho—«profundamente versado nos arcanos me-

lodicos do idioma» (3)—não vae tão longe; entretanto, confirma o que dissemos, quando ensina:

«Todas essas alterações, depois de generalizadas, ficam sendo *licitas até aos minimos escrevedores*; mas, adulterar, por propria autoridade, uma palavra, accrescentando-a ou mutilando-a, é ousadia, que os mesmos escriptores maximos, e mais idoneos para legislar vernaculidade na sua terra, ou não tomam, ou *de que só usam parcissimamente em grandes apertos, e com boas razões*.»

Usam parcissimamente; mas, usam, os escriptores maximos; os escrevedores minimos, esses, podem usar, sempre que quizerem, as generalizadas.

«Bocage, rarissimas vezes, valeu-se desses recursos», diz Castilho; mas, valeu-se.

Por que Camões na rima preferiu sempre a fórma *dino*?

Por que foi elle tão parcimonioso no emprego da *crase*?

Não foi todas as vezes que lhe faltou espaço, como diz Epiphanyo, que della se utilizou? Não foram as necessidades metricas?

Por que Garrett, no seu soneto XI, (4) para rimar *peregrina* empregou, *dina* em vez de *digna*, á imitação do grande épico?

Porque o mesmo Garrett disse:

Um vassallo bem sujeito,  
Leal de *homage* e preito,

quando, pouco adiante, escreveu *folha-*

(3) Versos do Visconde de Almeida Garrett—II. *Fabulas—Folhas Cahidas*; 3ª ed. 1856.

(4) Carlos de Laet—*Anthologia Nacional*. 1913, pg. 148.

*gem*, que fez rimar com *miragem*, e a poucas paginas além le-se *homenagem* na famosa apostrophe com que terminou elle o seu poema *Camões*:

Onde jaz, portuguezes, o moimento  
Que do immortal cantor as cinzas guarda?  
Homenagem tardia lhe pagastes  
No sepulchro siquer? Raça d'ingratos!

Por que, ahi mesmo, vem esse macrobio do seculo XIV—*moimento* (do latim *monimentum*, pela syncope do *n*)—ao invés de *monumento*, que era o vocabulo corrente?

Por que *Raça d'ingratos* e não *Raça de ingratos*?

Por que, emfim, (para citar um exemplo indigena) o nosso sublime Varella, no seu excelso *Cantico Calvario*, empregou o archaico *inda* e logo após *ainda*, na bella antithese:

*Inda* te vejo pelas noites minhas,  
Em meus dias sem luz vejo-te *ainda*.

E basta... porque supponho, presumo, estar fóra de duvida que os meninos que se apresentam a exame no Collegio Pedro II não são tão disparatados quanto parecem, e os seus professores não merecem o titulo pejorativo de grammaticographos que se vão repetindo cegamente, fechando os olhos a uma evidencia, que nada tem de evidente.

Novº.—5—1921.

F. Cabrita.

**Parc-Royal** Especialidade  
em  
Uniformes e Enxovaes  
para  
Todos os collegiaes  
A maior e a melhor casa do Brasil



# Operações materiaes e re-creativas

AO PROFESSORADO PRIMARIO DO BRASIL

Um dos mais conspicuos sabios dos tempos hodiernos, Edouard Lucas foi, entre todos os mathematicos universaes do ultimo quartel do seculo passado, o que melhor conheceu a Arithmetica e o que melhor produziu e demonstrou as mais transcendentas e importantes questões sobre a theoria dos numeros, o que não o impediu de descer, com extremo carinho e grande solicitude, até a criança, ensinando-lhe os rudimentos do calculo por meio das suas operações palpaveis e recreativas, pelos jogos e advinhações numericas.

O illustrado examinador da Escola Polytechnica de Paris — C. A. Laisant, em a sua *La Mathématique, Philosophie et Enseignement*, secundando a opinião abalísada do eminente sabio de que acabámos de falar, diz que a primeira iniciação do calculo deve começar cedo e seguida, methodicamente, pelas recreações durante alguns annos, até que o discipulo se ache em condições de poder ser, com toda a vantagem, iniciado no ensino scientifico e raciocinado da Arithmetica. Este é, portanto, o caminho por onde deviamos enveredar no ensino de tão util e importante ramo do saber humano. E' possivel por esta via, diz ainda o citado e illustrado autor, sabendo utilizar-se de todas as occasiões que se apresentam, dando sempre á pratica do calculo um caracter recreativo, ir muito mais longe, ainda, do que se pensa.

A criança poderá fazer com segurança, não só as quatro primeiras operações da Arithmetica, como adquirir ainda o habito e a pratica do calculo mental, isto é, aprender o sufficiente para resolver, sem o soccorro mental, operações simples.

Seguindo esta via de ensino do calculo de maneira palpavel e divertida, o alumno pode attingir á pratica de operações importantes do mesmo calculo, e que, sómente, muito mais tarde, depois de ter sido iniciado no ensino scientifico e raciocinado da Arithmetica, os saberá distinguir pelas suas verdadeiras denominações scientificas. Assim, elle consegue resolver problemas sobre as progressões por differença e por quociente, sobre exemplos simples da analyse combinatoria, sobre as primeiras potencias de um binómio da forma  $(u+a)^m$  pelo conhecimento dos coefficients de  $u$  e de  $a$ , dados pela multiplicação do numero 11 por si mesmo um certo numero de vezes, e de muitas outras operações numericas de ordem elevada e superior.

Parecerá a muitas pessoas, como pondera ainda Laisant, um sonho, uma utopia, em admitir que se possa alcançar ao conhecimento de todas essas operações de calculo por simples meios materiaes e recreativos. Entretanto, o que acabámos de afirmar não constitue uma these paradoxal e irrealizavel, e os factos, as experien-

cias, ahí estão para demonstral-a cabal e evidentemente. A sua demonstração é, pois, facilima e nenhuma só duvida ficará no nosso espirito ante a sua irrefutavel applicação pratica.

O doutor Valère Maes, grande educador belga e notavel professor do Instituto Rachez, de Gand, em carta dirigida a Mr. Reclus, em que faz a apreciação do importante trabalho de mr. Auguste Bureau — *L'Arithmetique de la Famille* — externa-se da seguinte maneira:

«Mr. Bureau, ao contrario, não se contenta de mostrar materialmente a construcção do numero inteiro e da fracção, mas, ainda, a conduz até o estudo das operações pela representação figurada das combinações que ellas effectuam.» E termina: — *C'est aux yeux des corps qu'il fait un appel continuel.*

A criança não effectuará uma divisão, por exemplo, pelas palavras sómente que lhe repetiu o mestre, mas pela sua propria experiencia, pois tem na sua frente todo o processo que comporta essa difficil operação arithmetica.

No pensar autorizado do eminente Condorcet, vasado em o modesto, mas valioso trabalho — *Moyen d'apprendre à compter seulment et avec facilité* — a divisão determina a solução decisiva em diversos espiritos. Augusto Comte, reforçando, com a sua incontestavel autoridade suprema, a opinião de Condorcet, reafirma, na sua monumental *Synthese Subjectiva*, este importante conceito: «Que aquella que se houver sahido bem de tal prova é perfectamente capaz de concluir com proveito a iniciação mathematica e mesmo a de toda a serie encyclopedica da sciencia positiva».

Desde os seus quatro annos, já se nos torna possivel obter da criança, no dominio do calculo pratico e recreativo, resultados que nos parecem prodigiosos, posto que sejam os processos adoptados os unicos naturaes.

A representação dos numeros por meio de objectos data da mais remota antiguidade e muitos foram, tambem, os instrumentos mais ou menos aperfeiçoados destinados á contagem e á representação dos numeros. A representação material dos numeros, a principio, foi feita por meio dos dedos humanos, depois pelos seixos de pedras e outros objectos, seguindo-se, com o evoluir constante da humanidade, os innumerables apparatus até as machinas de contar. E' assim que vemos os *Khe-mou* dos antigos tartaros, os *souanpan* dos chinezes e persas e os *quippos* dos incas, e um sem numero de outras machinas de calcular usadas por diversos povos atravez das edades, até os contadores e arithmometros modernos. Mesmo para a resolução de todas as operações da Arithmetica, inventaram-se machinas mais ou menos complicadas, havendo algumas de uma perfeição de causar espanto, pela precisão com que elaboram com acerto na confecção do resultado das operações.

Apezar da commodidade que nos proporciona, na pratica, o emprego de uma machina de contar, não se presta ao ensino do calculo nas escolas — o seu operador é, nada mais que um simples mecanismo que age sem raciocinar.

Comtudo, alguns desses apparatus servem-nos para esclarecer a noção de como são formados os numeros em uma determinada base, de maneira facil e instruitiva. Alguns povos in-

cultos tiveram a noção precisa da formação das unidades decimaes de duas ordens de uma maneira elementarissima e esquisita e sem o emprego de apparatus. Um viajante illustre, de regresso á França, depois de ter dado a volta ao mundo, relatou á Sociedade de Geographia que os naturaes das ilhas de Andaman, no golfo de Bengala, possuíam uma maneira singularissima e bizarra de contar. Este povo tinha a noção exacta das unidades de primeira e segunda ordens. As de primeira ordem eram dadas pelo numero de vezes que esfregavam o nariz no sólo, e as de segunda pelo numero de puxões que davam nas orelhas. As unidades de primeira ordem eram, portanto, unidades *na-zaes*, e as de segunda, *auriculares*. Para elles, a representação do numero 36, por exemplo, lhes custara nada mais nada menos do que tres puxões de orelha e seis esfregadelas de nariz sobre o sólo.

Ao homem primitivo ou ao indigena comparamos a criança de hoje: — ella não pode ter a concepção do numero sinão de um modo intuitivo e tirado da propria natureza. Esta asserção vem perfectamente corroborar o argumento que devemos oppor aos processos fatigantes e erroneos adoptados ainda em muitas escolas e no inicio do curso primario, onde são transmitidas á criança as primeiras noções da numeración systematica e das operações de modo abstracto e sem a menor referencia ás coisas materiaes, sem uma explicação intuitiva da formação das unidades das differentes ordens.

No inicio do curso primario, o methodo seguido no ensino do calculo deve ser rigorosamente experimental e intuitivo. E' condição que se impõe á completa e racional realização desse ensino: «E' seguir o methodo rigorosamente experimental e delle não se afastar; deixar sempre a criança em presença de realidades concretas, palpaveis e que possam ser vis-

operações da Arithmetica, de modo material e recreativo.

Deixamos aqui a solução da somma e da subtracção de numeros compostos e da multiplicação e divisão de um numero composto por um simples.

Difficuldades diversas nos obrigam a deixar de dar aqui a solução de outros exercicios mais desenvolvidos sobre as operações fundamentaes.

## Somma de inteiros

Supponhamos que se queira effectuar a seguinte somma:

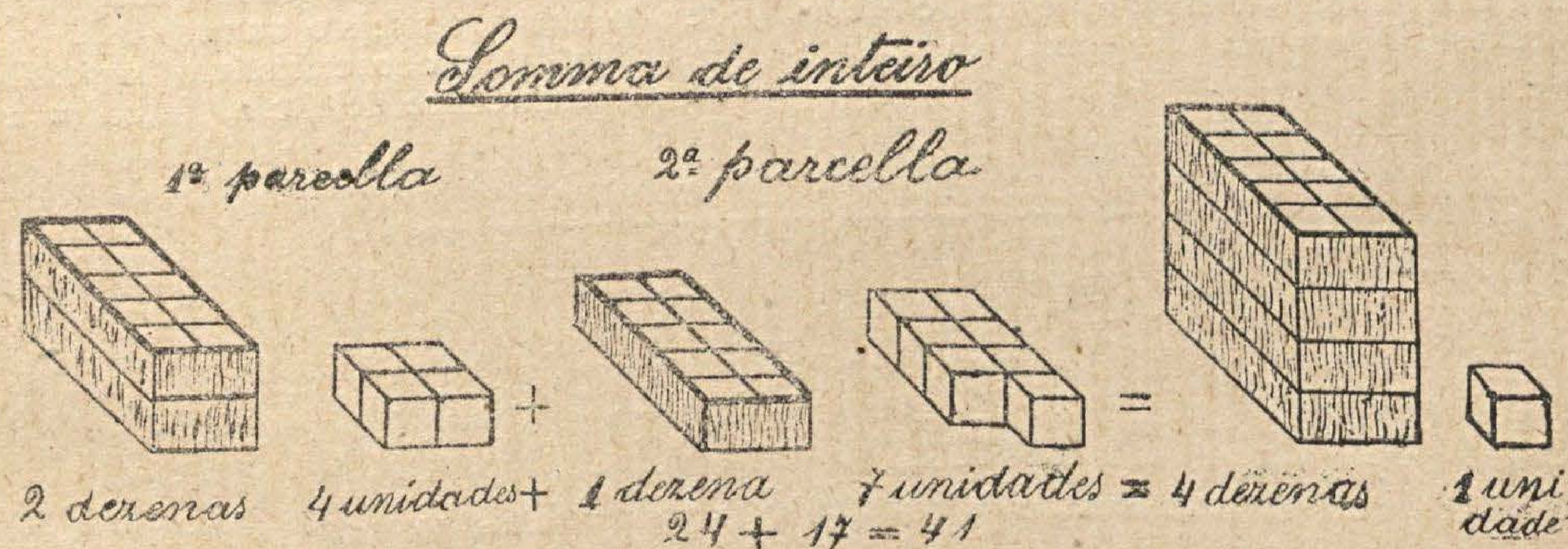
$$24 + 17$$

A primeira parcella é constituida de dois algarismos: o da esquerda é o das dezenas e é representado por duas caixas, contendo cada uma dez cubos denominados unidades; o algarismo da direita é representado por quatro cubos ou quatro unidades. A segunda parcella é tambem representada por dois algarismos, uma dezena e sete unidades, ou uma caixa e sete cubos.

## Solução

Os cubos da primeira parcella mais os cubos da segunda, ou as unidade da primeira e da segunda, enchem uma caixa ou uma dezena e sobra um cubo ou uma unidade; a caixa obtida será reunida ás outras caixas, resultando um total de quatro caixas ou quatro dezenas.

A somma pedida é, portanto, representada por quatro caixas e um cubo, ou por quatro dezenas e uma unidade, ou por quarenta e um cubos, ou ainda por quarenta e uma unidades — 41.



tas, deixando-lhe inteira liberdade de poder por si mesma fazer as primeiras abstracções das suas combinações, limitando-se, tão sómente, o professor a dar as explicações que lhe sejam por ella solicitadas, e, finalmente, não esquecer que as questões a resolver devem ter um caracter de mera recreação e não de um trabalho imposto ao seu joven cerebro».

Para justificar melhor o que affirmámos em as linhas acima, apresentamos e offerecemos ao illustrado professorado primario do Brasil, um rapido estudo das quatro primeiras

## Subtracção de inteiros

Seja, para subtrahir, 18 de 35. Tomemos primeiramente tres caixas e cinco cubos e, em seguida, separadamente, uma caixa e oito cubos. O primeiro numero formado é o subtrahendo e o segundo é o subtraCTOR.

## Solução

Não podendo tirar dos cinco cubos do primeiro numero os oito do segundo, abramos



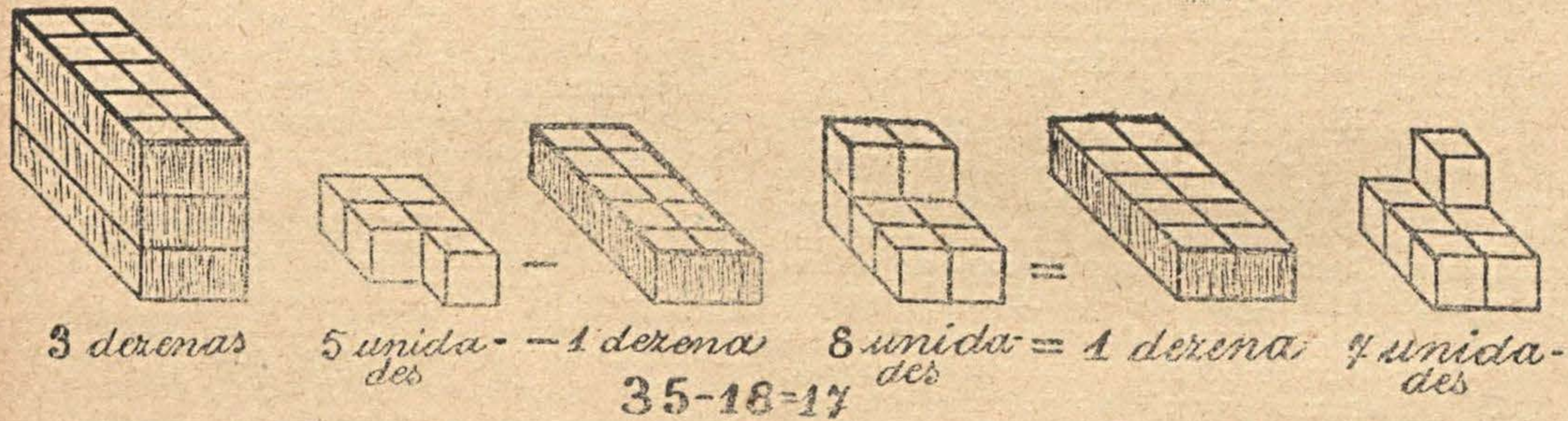
uma das caixas do subtrahendo e retiremos de lá os dez cubos que ella contem e os reunamos aos cinco do mesmo subtraendo, formando quinze cubos, restando no primeiro numero dado apenas duas caixas; dos quinze cubos tiremos oito e ficam sete. Das duas caixas restantes do primeiro numero tiremos uma e fica ainda uma caixa, que com sete cubos, formam o resultado da subtracção — uma caixa e sete cubos, ou seja o numero 17.

primeiras e que comportam cada uma dez caixas destas ultimas. Portanto: o numero dado será representado por tres caixas grandes, tres pequenas e seis cubos, que é o dividendo, ou seja o numero formado de tres centenas, tres dezenas e seis unidades.

Para dividirmos o numero proposto em duas partes, ou pelo divisor dois, temos que separar as tres caixas maiores, uma para cada lado, restando ainda uma caixa, a caixa restante

Subtracção de inteiros

Subtrahendo — Subtractor = Resto



• Multiplicação de inteiros

Supponhamos que se queira effectuar a seguinte multiplicação:

15 × 2

Solução

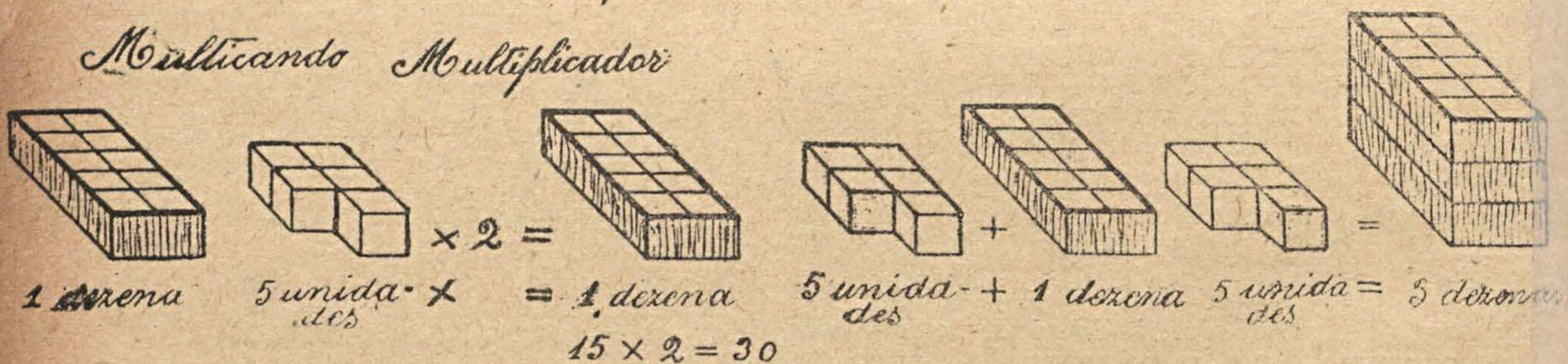
O primeiro numero é o multiplicando e o segundo é o multiplicador: o primeiro deve ser repetido duas vezes e, para isto, tomamos uma caixa e cinco cubos, resultado, seguindo o mesmo processo da somma, tres caixas ou tres dezenas.

abre-se e tira-se de lá ás dez caixas menores que ella contém e que são reunidas ás tres caixas do mesmo tamanho, formando um grupo de treze caixas; separam-se em dois grupos eguaes as treze caixas, constando cada grupo de seis caixas, sobrando ainda uma caixa; abre-se esta caixa e os dez cubos que ella contém reúnem-se aos seis, formando um total de dezeses cubos, que separamos tambem em dois grupos eguaes de oito cubos cada um. O resultado da divisão, ou quociente encontrado, é formado de uma caixa grande, seis pequenas e de oito cubos, ou seja o numero 168.

Vimos de modo clarissimo a possibilidade de effectuarem-se deleitosa, intuitiva e mate-

Multiplicação de inteiros

Multiplicando    Multiplicador



Divisão de inteiros

Tomemos o numero 336 e o dividamos por 2.

Solução

Nesta operação temos necessidade de mais tres outras caixas de grandeza maior que as

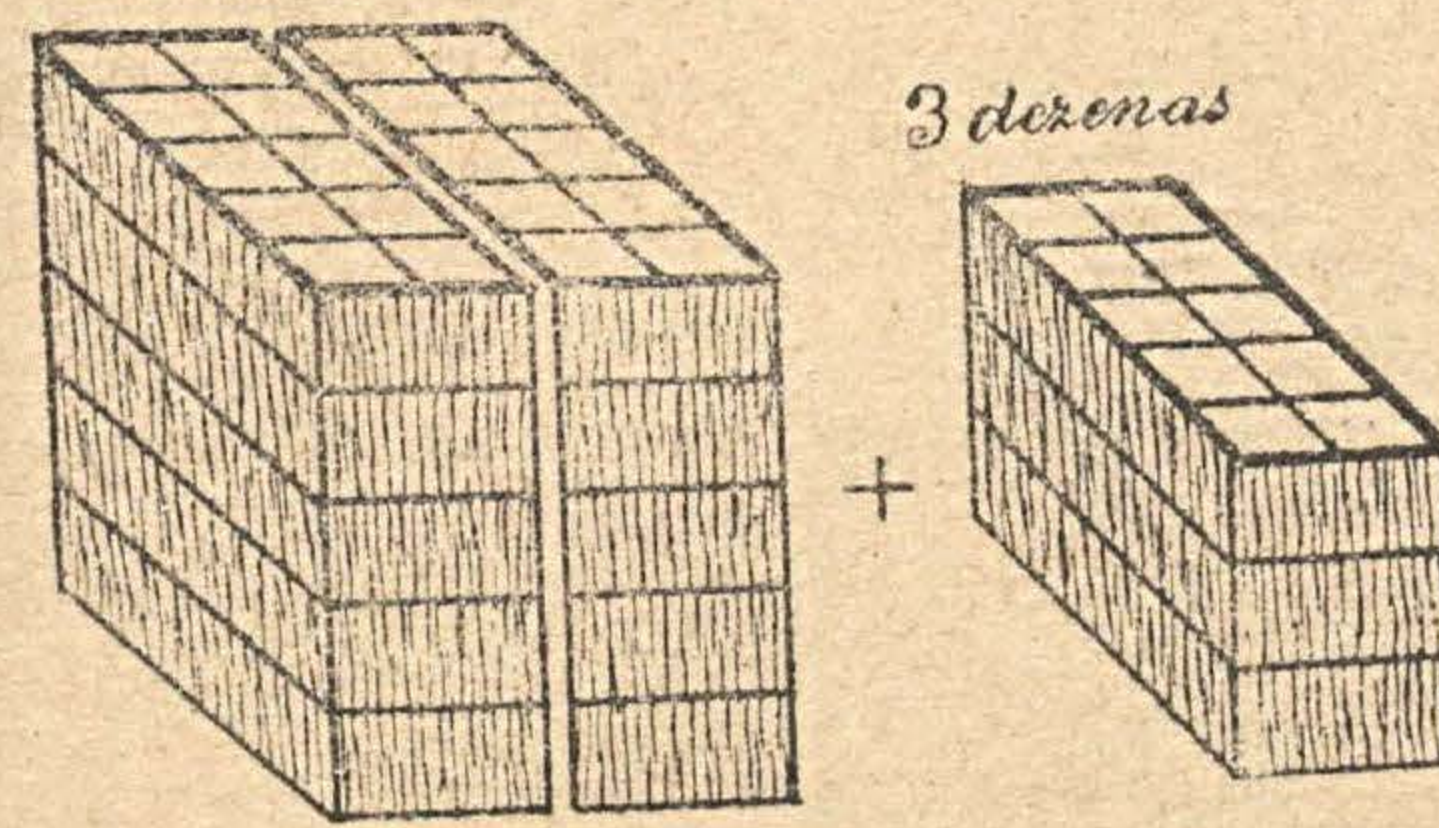
rialmente, as quatro primeiras operações arithmeticas, ficando perfeitamente esboçada a theoria de cada uma destas operações.

Manãos, 21 de Outubro de 1921.

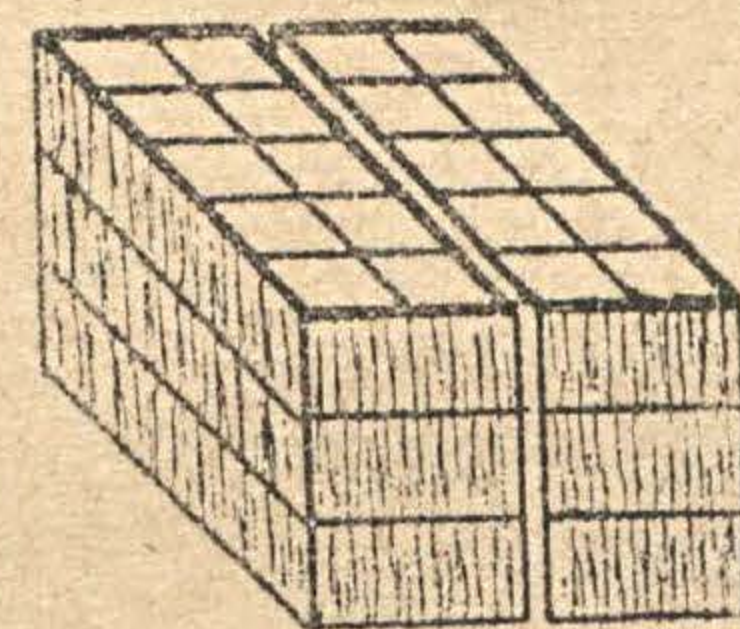
ABILIO DE BARROS ALENCAR

\* Podemos, como se faz no calculo escripto, baseando-nos nas leis da numeração decimal, obter com extrema facilidade o producto de dois numeros compostos de dois algarismos cada um.

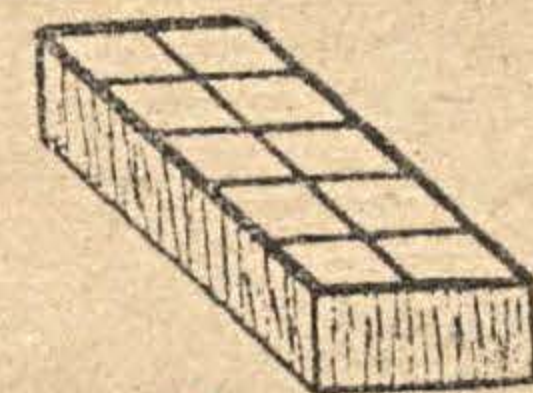
2º dividendo parcial  
1 Centena ou 10 dezenas



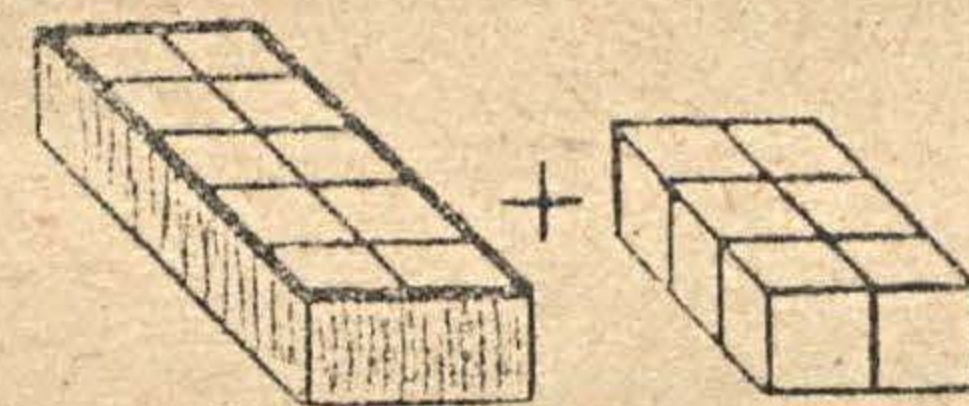
6 dezenas do quociente



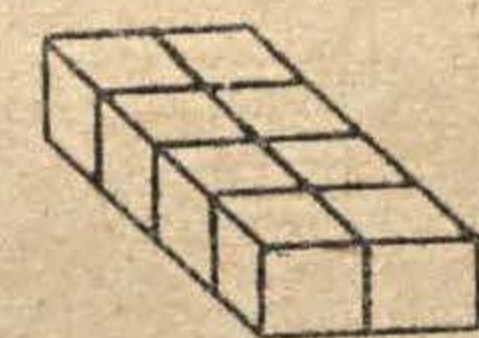
2º resto uma dezena



3º dividendo parcial  
1 dezena ou 10 unidades



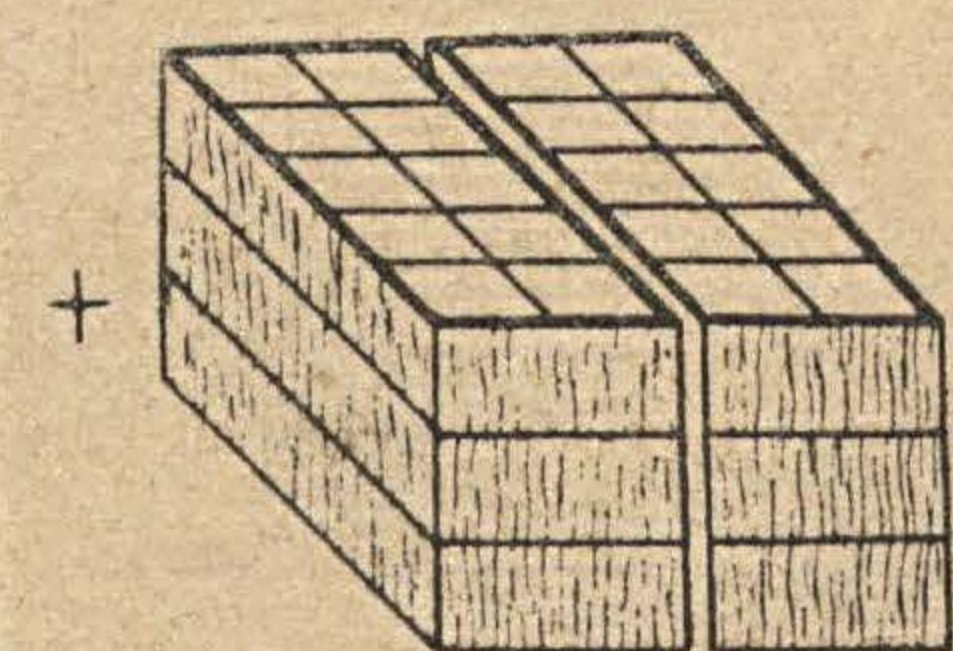
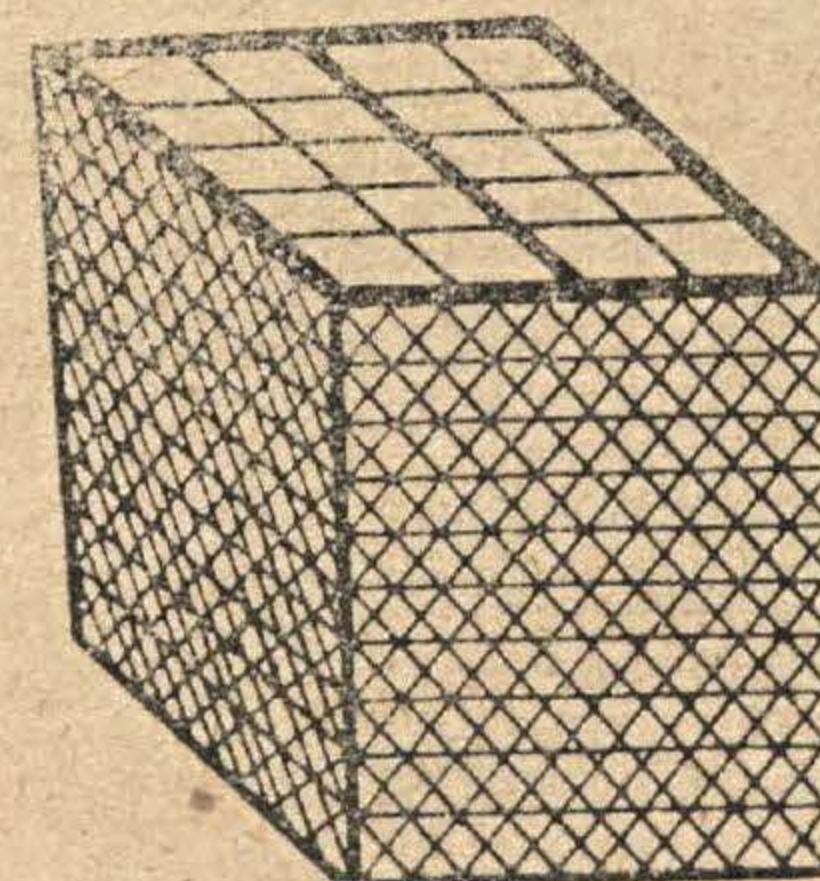
8 unidades do quociente



Quociente total:

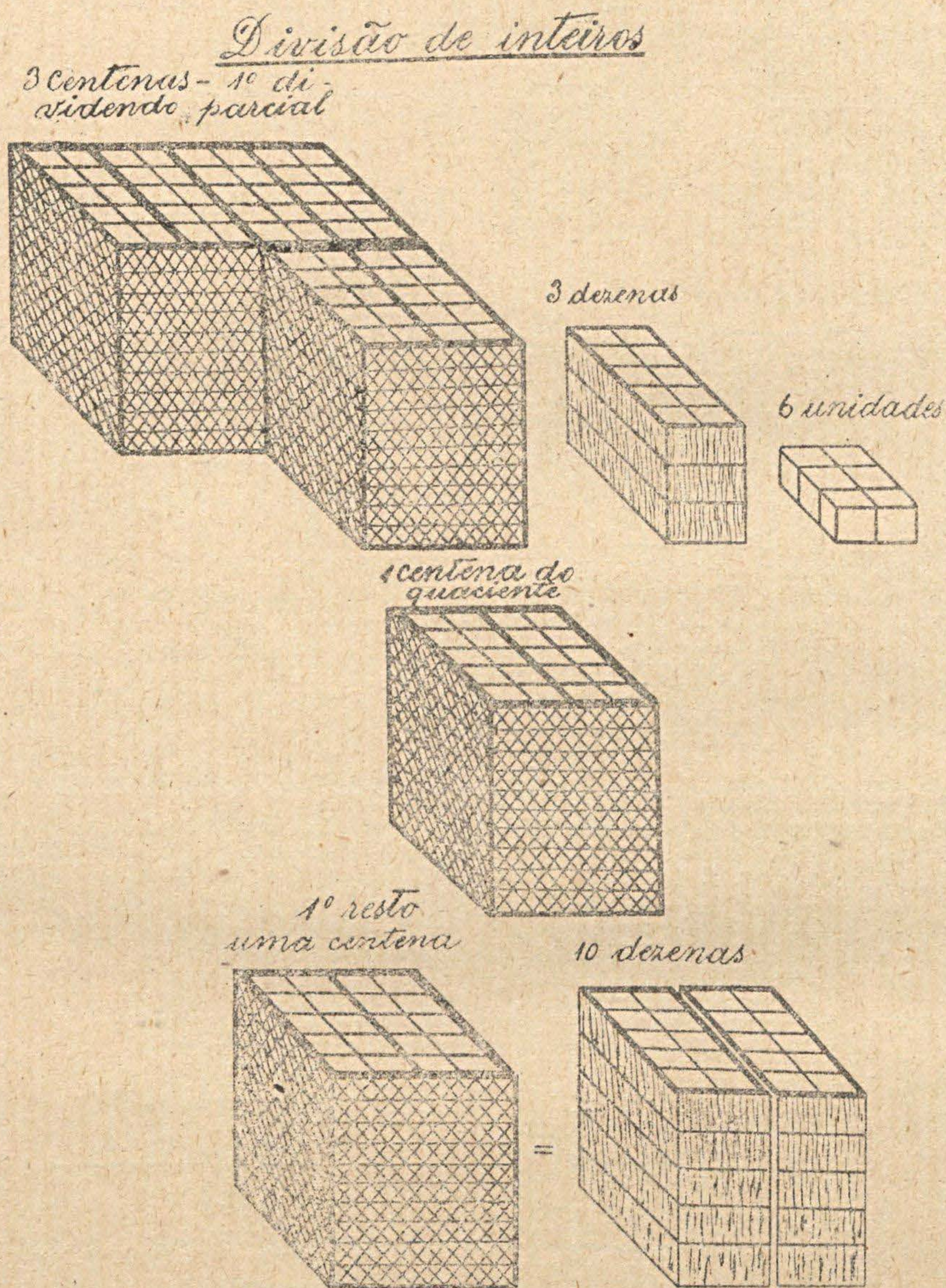
6 dezenas = 60 unidades

1 Centena = 10 dezenas = 100 unidades



336 : 2 = 168





## CORRECÇÕES

Desde que iniciei a carreira pedagógica, senti dificuldades no problema da correção.

Segui a principio o methodo que encontrei, mas, a observação que fiz foi de cansaço para o professor e poucas vantagens para o alumno.

Limitar-me-ei a falar das aulas de Portuguez.

E' uso nas nossas escolas, dado o exercicio do dia, apromptal-o o alumno na lousa e passal-o depois para o caderno, onde é correcto pelo pelo mestre, sendo entregue no dia immediato, não só para a leitura do exercicio anterior, como para a realização do dever diario.

Encontrará, porém, o espirito infantil, naturalmente ávido de novidades, atração na leitura de um exercicio já seu conhecido?

E saberá o alumno interpretar a correção como deve?

Visivelmente, não; é necessario que o mestre o ajude a descobrir a verdadeira causa do erro e o meio de evital-o.

Eis o que não pode obter, levando o professor os cadernos para casa. Por mais zelo que tenha, nem sempre, depois de um dia inteiro de aula, estará com o bom humor e a paciencia necessarios, para acompanhar o raciocinio de um principiante.

E mesmo as obrigações estranhas á escola poderão impedil-o de dispensar o tempo que requer a correção bem feita.

Resta, ainda, a dificuldade de ter de memoria os erros que encontrou em cada caderno, (numa turma de 30 alumnos em media) para expôl-os no dia seguinte, de modo a fazer sobresahir o valor de cada emenda.

Esta correção não poderá ser individual, para que toda a classe a aproveite, e torna-se-á indispensavel a leitura do exercicio errado e ainda do mesmo correcto, para que os companheiros observem a transformação que soffreu.

Difícilmente conseguir-se-á reter a atenção das crianças nas duas leituras de cada exercicio.

Procurei então um meio que despertasse a curiosidade dos collegas, fazendo-os compartilhar nas correções, indicando os erros ao seu alcance, completando idéas, notando a pontuação, cor-

rigindo a construção das phrases, applicando os conhecimentos grammaticaes que possuem, servindo, emfim, de verdadeiros fiscaes a cada exercicio, pois, as suas notas serão de accôrdo com as correções que fizerem.

Alcancei com este modo de corrigir um resultado bem satisfactorio.

O exercicio, o quanto possivel interessante, será feito em um caderno de rascunho.

O alumno indicado lerá o seu trabalho, sendo que, ao fim de cada trecho, outros alumnos serão escolhidos para fazer a critica.

Dirão si notaram erros e quaes foram, si teriam aquella mesma expressão, citarão maneiras diversas de exprimir a mesma idéa, farão, emfim, o estudo completo das orações.

E' claro que, muitas vezes, só o proprio professor poderá fazer a corrigenda, que será apro. eitada por todos os alumnos.

Assim, proceder-se-á com todos os exercicios, notando-se o interesse das crianças em encontrar os erros dos companheiros, procurando applicar os seus conhecimentos, desenvolvendo a verbosidade e provocando a concurrencia de idéas.

As emendas serão immediatamente passadas para o caderno.

Ficarão os exercicios emendados por 20 ou 30 pessoas attentas, evitando a passagem de pequenas faltas, que escapariam ao processo enfadonho da correção isolada.

Consegue-se, deste modo, diariamente, a convivencia com as regras grammaticaes, o uso continuado da synonymia, a variedade de expressão e o cuidado da criança na construção do seu trabalho, pois, não deseja vel-o muito emendado pelos collegas.

Cada alumno possuirá um outro caderno, para o qual passará em casa, quotidianamente, o exercicio já correcto. Ao fim da semana, este será revisto pelo professor, afim de verificar si os exercicios estão em dia.

E' uma leitura agora bem mais agradável e rapida.

Restam-nos a orthographia e a calligraphia.

Ler-se-á, antes, o trecho e o alumno



collocará a pontuação que julgar necessaria.

Do mesmo modo que nos outros exercicios, haverá a correcção collectiva.

Aproveitará o professor a occasião para explicar o porque de cada signal e a mudança de entonação que outro occasionaria.

No dia immediato, o dictado será feito com pontuação e corrigir-se-á a orthographia.

Terminado o exercicio, um alumno irá ao quadro negro: o professor dicta-

rá as palavras que poderiam ter sido escriptas erradas e, dirigindo-se a cada alumno, indagará quaes os erros que commetteu.

Ficarão, assim, correctos os exercicios, sob todos os pontos de vista, evitando a fadiga e, o que é mais, proporcionando enthusiasmo aos alumnos, que terão, á hora da correcção, um divertimento util.

A adjunta

E. Lara.

## ESCOLA NORMAL

### Instrução civica

Por essa expressão dever-se-ia entender um conjunto de conhecimentos da historia nacional, capaz de despertar o sentimento civico ou o amor da patria. Na verdade, tanto mais amaremos nossa patria, quanto melhor a conhecermos. Não basta o conhecimento do seu territorio, de suas riquezas mineraes, vegetaes ou animaes; das suas belezas naturaes, dos seus imensos rios, das suas grandes cadeias de montanhas, não; é preciso, sobretudo, conhecer os fatos grandiosos de sua evolução e os grandes vultos que os têm conduzido com heroismo e abnegação, enchendo-a de glorias. A instrução civica, portanto, não é uma sciencia, nem tão pouco uma arte; mas, sim, a propria concepção historico-geografica de cada patria, através do tempo e do espaço, isto é, das varias etapas de sua evolução, no que esta tiver de grande, de nobre, de glorioso. E', pois, um ponto de vista especial de evolução historica que desperta o nosso enthusiasmo, o nosso mais ardente patriotismo — Este sentimento, a principio, confundia-se com o amor á familia, porquanto os homens primitivos, sendo nomades, não podiam ter nenhuma noção clara de patria, «dessa porção do planeta habitada por um Conjunto de familias, unidas por uma atividade comum». Donde se vê que a patria só pode ser concebida, considerando-se o *territorio* e os *habitantes* respetivos, ligados por uma atividade comum. Não basta, pois, como na familia, apenas o sentimento

para institui-lo, é necessaria e indispensavel a atividade, que leva cada grupo de familias a se consagrar a um dos muitos officios creados pelas necessidades da vida em comum. Apego ao solo natal e vivo sentimento da cooperação, taes são os principaes caracteristicos do patriotismo. O grande Aristoteles já havia sentido, muito bem, o fundamento dessa Associação, formulando o seu imortal principio da «divis»o dos officios e convergencia dos esforços». Com efeito, não pôde ezistir uma patria sem o concurso mutuo dos seus habitantes, isto é, sem que cada qual produza o que fôr necessario á Comunhão, segundo sua capacidade, de modo que nada falte a sociedade quer se trate de alimentos, de cazas, de proteção corporea, condução etc. Vê-se pois que não pôde ezistir uma patria só de alfaiates ou de ferreiros ou de padres, porquanto cada representante de taes profissões fatalmente necessitaria de muitas outras condições para viver e manter-se dignamente.

Assim como não se pode conceber a familia sem a caza, que é o seu indispensavel laboratorio e séde, assim, tambem, não se poderia compreender a patria sem a sua séde, que é a Cidade, com os seus campos de abastecimento; e, si a familia é o elemento formador da patria, esta é, por sua vez, o elemento formador da humanidade, cuja séde é o planeta inteiro, ou o Conjunto de todas as patrias. Debalde a metafizica revolucionaria tentou abolir a concepção patria, supondo que o homem poderia passar sem tal associa-

ção: a grande guerra que ensanguentou a Europa durante quatro anos, veio provar a impossibilidade de tal supressão, pois aqueles mesmos intitulados socialistas, comunistas etc. foram os primeiros a lançar mão das armas para defender a nação que lhes serviu de berço e onde se fizeram homens!

Já o grande filozofa Augusto Comte havia proclamado que: «Nenhum coração ou espirito poderá dignamente elevar-se da familia á humanidade, sem ser por intermedio da patria. De sorte que, das tres Associações que disputam os nossos afetos, é a patria o elo necessario que liga a familia, que é a menor das tres, á Humanidade, que é a maior; e, como todo intermediario, fica sujeito aos extremos, que tem de ligar. E' assim que a Patria se compõe de familias e a Humanidade se compõe das Patrias. A familia está ligada ao apego, a patria, á veneração e, finalmente, á Humanidade está ligada a bondade, a simpatia, ao amor universal. Temos assim cada um dos nossos instintos altruistas correspondendo a uma das tres Associações, que a nossa especie formou. O Amor da patria, como toda a Virtude, se acha colocado entre dois vicios opostos: o *nativismo* e o *cosmopolitismo*. Na verdade o patriota não pode ser nem nativista, nem cosmopolita; mas «aquele que ama a todas as patrias, *amando ainda mais, a sua*. Si uma patria qualquer precizar dos serviços alheios, o verdadeiro patriota não ezitará tendo prestado, á sua patria, assinalados serviços. Cumpre-nos, apelando para a fraternidade humana, fazer dezaparecer dos povos as rivalidades internacionaes, procurando cada patria proporcionar ás suas irmãs todo o concurso possivel, evitando ao mesmo tempo, todos os moveis capazes de sucetibiliza-las ou ofende-las. As patrias, são comparaveis ás cazas de familia, que devem ser respeitadas e auxiliadas reciprocamente, afim de manter-se em presta-los, uma vez que a sua possa, por algum tempo, dispensa-los. Si o não puder, porém, é seu dever primeiro atender á sua, visto que lhe consagra maior amor que ás alheias. Sob esse ponto de vista a historia nos apresenta, como ezemplo de patriota, Garibaldi, que se bateu pelo Uruguay, pela França, pelo Brasil, sem nunca deixar de ser italiano; a harmonia fraternal que as deve ligar.

Considerando as aberrações do patriotismo, vemos que, emquanto uma, o nativismo, peca por excesso, a outra, o cosmopolitismo, peca por falta de verdadeiro amor civico. O nativismo só considera filhos de sua patria os individuos que nella naceem, e a patria como ente Supremo dos seus afetos. Ora, semelhante ponto de vista é evidentemente inaceitavel por demaziado estreito e, portanto, contrario aos interesses sociaes. A nossa propria Constituição politica é contraria a tal maneira de vêr, pois admite varios modos de ser *cidadão brasileiro*. A patria tambem não pode ser o ente supremo dos nossos afetos, porque, como vimos, é uma Associação intermediaria entre a familia e a Humanidade, e só esta, que representa o *conjunto das patrias*, é que pode ser o alvo supremo dos nossos afetos. Assim tambem a familia não pode ser o ente Supremo dos nossos afetos, pois, si assim fosse, o nosso sentimento altruista ficaria equiparado, até certo ponto, ao dos animaes inferiores, que tambem amam sua familia.

O poeta romano, na clemencia de Tito, já havia proclamado: «Homem sou, e nada ha humano que alheio a mim reputo». O que significa que, em qualquer parte que estejamos, não podemos ser indiferentes á sorte de nossos semelhantes.

No ponto de vista espiritual o nativismo tambem é condenavel, porque, muitas vezes, um digno estrangeiro, pode sentir, melhor que os nacionaes, as necessidades de uma patria. Tambem se pode derfeitamente admitir que padres, medicos, artistas estrangeiros venham doutrinar aos nacionaes, prestando-lhes grandes serviços. No ponto de vista material ha a distinguir o aspeto industrial e o politico. Na industria, não ha paiz que geralmente se negue a receber o Concurso estrangeiro, tanto dos seus braços, como de seus Capitaes; e aqui mesmo, na nossa Cidade, temos grandes serviços confiados a empresas estrangeiras taes como: esgotos, viação urbana, algumas estradas de ferro, telefones etc. Quanto ao aspecto politico, considerando que os homens, em geral, são mediocres ou escravos das suas paixões, devemos evitar a intervenção estrangeira, nesse assunto, ficando os cargos politicos escluizivamente confiados aos nacionaes.



Si os homens fossem do valor de um Cromwell, de um Frederico II, de um Danton, por exemplo, qualquer patria poderia confiar-lhes seus destinos politicos, certa de que não se teria nunca de arrepender; pois a abnegação e os talentos desses homens seriam um penhor sagrado para a sua digna conduta. Eles seriam incapazes de ter predileção por sua patria de origem em assuntos que reconhecessem que as estrangeiras tinham razão.

O genial filozofista francez A. Comte, ainda bem joven, fazia votos pela vitoria dos espanhoes *contra os francezes* que, impelidos por Bonaparte, foram ataca-los injustamente!

Mas semelhante ato só podia partir de um tipo superior e não dos homens vulgares. Cumpre ainda assinalar que não devemos concorrer para aumentar a ambição dos estrangeiros que, por via de regra, deixam sua patria de origem em busca de melhora de existencia, sem se preocuparem com a sorte precaria de seus compatriotas que lá ficaram. Ora, si lhes abrissemos todas as portas das posições politico-administrativas de nosso paiz, certamente contribuiriamos para deenfrear sua ambição, em detrimento do elemento nacional, o que é, de todo ponto, inadmissivel. Considerando agora o Cosmopolitismo, vemos que é outra aberração condenavel do patriotismo, porquanto ele é a negação da patria, que nós já vimos ser um absurdo, porque a natureza humana não poderia passar do amor da familia para o amor da humanidade, sem um intermediario qualquer. Portanto, si o cosmopolita não tem amor á patria, também não pode amar a Humanidade, que, como sabemos, representa a soma de todas as patrias. Será, pois, um individuo limitado ao amor da familia, ficando, assim, no mesmo plano que os animaes, que, a partir das aves, também amam a familia, ainda que dentro de certos limites.

Não, isso não é possível, pois semelhante concepção iria de encontro á lei que rege o sentimento humano, que nos ensina que o sentimento foi a principio domestico, depois civico e, finalmente, universal. O socialismo, que pretendeu sistematizar essa noção de que a patria do homem é a terra inteira, parece já se

ter convencido de que tal concepção é quimerica, após as lições praticas que os acontecimentos lhe têm vindo mostrar. Por maior que seja a nossa generosidade, por mais vasto que seja o nosso altruismo, jamais consentiremos que estranhos venham pôr e dispôr, a seu talante, de nossas cazas, de nossas familias, e, por conseguinte, de nossas patrias, que são formadas justamente de familias. Portanto, a formula *ubi bene ibi patria* só poderá convir ás naturezas inferiores, onde apenas pode imperar o mais duro egoismo.

E' pois, só o patriotismo, como ficou esposto, que convem ás relações humanas, cumprindo-nos repelir, como prejudiciaes á harmonia social, quer o nativismo, quer o cosmopolitismo.

Ainda ha um outro aspeto que devemos assinalar e combater como igualmente nocivo á fraternidade humana, e que se pode chamar o *orgulho nacional* ou falso patriotismo, que consiste na suscetibilidade ezagerada do sentimento civico e que leva as nações a amesquinha-rem-se umas ás outras, principalmente nas relações dos fortes para com os fracos. E' essa infeliz disposição que tem conduzido algumas vezes os povos a lutas estereis, ou a rompimento de relações amistozas, sem nenhum objetivo digno.

Convem pois; aos individuos, como aos povos, a maxima tolerancia em suas mutuas relações, de modo a evitar as ofensas como os vexames, sobretudo quando se tratar de nações poderosas para nações fracas.

Paiz, nação, povo. — Também se costuma designar as patrias pelas denominações de paiz, nação, povo. Paiz é uma porção de terra ocupada por uma nação, que por sua vez é formada pelos povos a que ela pertence com a sua organização politico social de acordo com o seu gráo de civilização. Povo vem a ser pois, o conjunto de habitantes de uma nação, sujeitos ás mesmas leis e falando quasi sempre a mesma lingua.

Rio, 20 de Agosto de 1921.

DR. SOARES RODRIGUES.

Prof. de educação moral e civica  
na Escola Normal.

## III-LIÇÕES E EXERCÍCIOS

### HISTORIA

— 4º E 5º ANOS —

#### Primeiras idéas de Independencia. A Inconfidencia mineira

Diga a mestra que são numerosos os exemplos que nos dá a nossa Historia do caracter altivo e independente do brasileiro, cuja aspiração constante para a liberdade foi varias vezes suffocada em sangue pelos nossos colonizadores.

Pouco mais de um seculo decorrerá depois que Cabral aportara ás nossas plagas e os descendentes das tres raças colonizadoras, senhores do litoral, senhores do interior desbravado e rico, affirmavam o espirito nacional da raça na resistencia opposta aos Holandezes nas lutas da Insurreição Pernambucana. Já, então, em 1645, admittiam a sujeição aos portuguezes, nossos descobridores e colonizadores, mas resistiam os patriotas, energica e decididamente, ao jugo de outras nacionalidades, expulsando os invasores da terra, mais portugueza, então, porque dominavam os caracteristicos da raça superior sobre os dos outros factores da raça nacional.

Mais tarde, porém, voltam-se os odios contra os proprios portuguezes; manifestam-se os primeiros signaes de *nativismo* nas lutas travadas para a conquista das riquezas accumuladas no interior do paiz, no solo rico de Minas Geraes, desbravado o caminho e descobertas as minas de ouro pelos audazes paulistas e logo invadido o territorio e conquistadas as jazidas pelos gananciosos e vis aventureiros de além-mar—os emboabas. As lutas entre os paulistas e os forasteiros portuguezes ou emboabas ensanguentaram o solo de Minas Geraes e o nome de Rio das Mortes lembra as tristes scenas de barbaridades commettidas então. Conte a mestra o facto das mulheres paulistas não receberem seus maridos e filhos emquanto não vingaram a morte dos seus companheiros trucidados pelos emboabas.

Diga que em Pernambuco também o odio entre brasileiros e portuguezes se manifestou na *Guerra dos Mascates*, luta sanguinolenta travada entre os negociantes portuguezes ou mascates, numerosos no Recife, e os habitantes de Olinda, senhores de engenhos e brasileiros.

A semente do *nativismo*, lançada no solo de Minas Geraes em ondas de sangue brasileiro, que regou a região aurifera e tingiu de sangue as aguas do Rio das Mortes, ahi se manteve sempre viva, latente, até o dia em que, germinando, se abriu nas floridas esperanças de Liberdade da *Inconfidencia Mineira*, esperanças ou sonhos, que se transformaram logo em amarga desillusão para os infelizes martyres da Idéa Libertadora, abatida e abafada, então, para reerguer-se altiva em 1822, victoriosa, enfim, em toda a sua plenitude, um seculo após, em 1889.

Fale a mestra na evolução social caracteristica dessa época, na Revolução Franceza, que, firmando os principios dos direitos do homem,

desvendara novos horizontes á Humanidade, opprimida até então pelos grandes da terra. Diga que as idéas philosophicas e literarias da França eram acolhidas com grande sympathia no Brasil, onde a odiosidade contra os portuguezes era sentimento geral e cada vez mais intenso, á vista dos governos despoticos da metropole.

A' frente do movimento libertador, que se iniciou, então, entre os povos americanos, pôz-se a grande colonia ingleza da America do Norte—os Estados Unidos—proclamando a sua Independencia.

Esse exemplo veiu animar os patriotas brasileiros, suggerindo-lhes idéas de libertação e planos revolucionarios, que se propagaram rapidamente em Minas Geraes, cujas populações vergavam ao peso dos pesados impostos sem os poderes resolver.

A idéa de emancipação politica, nascida entre estudantes brasileiros residentes em França e trazida á Minas exactamente quando o descontentamento era maior por causa da cobrança do *quinto* do ouro, em atrazo, encontrou adeptos entusiastas na pleiade illustre de letrados da época, representada por Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manoel da Costa, Ignacio de Alvarenga Peixoto e no Alferes de cavallaria José da Silva Xavier, o mais ardoroso—Tiradentes.

Diga a mestra que os Inconfidentes se reuniam em casa de Claudio Manoel da Costa, onde tudo deliberavam para a independencia da capitania e a organização de um governo republicano. Fale na traição de Joaquim Silverio dos Reis, que se quiz livrar de credores; na prisão de Tiradentes, hospedado na rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias, no Rio; no processo lento e cruel, de dois longos annos, durante os quaes foram mortificados os presos em enxovias; no suicidio de Claudio M. da Costa, enforcando-se na prisão; finalmente, na condemnação e commutação da pena de morte em degredo para a Africa, excepção de Tiradentes, enforcado, a 21 de Abril de 1792, no local onde hoje se levanta a escola Tiradentes, esquartejado depois e remetido para Minas, onde seus membros, expostos, foram servir de exemplo ás turbas.

Mostre a improficuidade das perseguições aos ideaes de justiça e liberdade; como as idéas boas e sãs se affirmam mais vehementemente á medida que mais perseguidas são.

Fale no feriado de 21 de Abril, no respeito e nas homenagens que devemos aos precursors da Liberdade de nossa Patria, a Tiradentes principalmente, o grande martyr brasileiro, que morreu de morte infamante, teve seus bens confiscados, sua casa arrazada e seus filhos declarados infames.

M. A.



## ARITHMETICA

## CURSO ELEMENTAR

Consideremos agora a multiplicação.

Os alumnos tem pleno conhecimento do espirito da operação, quando realisa sobre numeros inteiros, e sabem já effectual-a rapidamente, sempre que os factores sejam numeros simples.

Tomará, agora, o professor um exemplo concreto, em que seja o multiplicando numero composto e o multiplicador numero simples, tal como: Numa festa infantil, realziada no Parque da Praça da Republica, 5 senhoras tiveram a incumbencia de distribuir doces ás crianças. Para facilitar o trabalho, formaram-se 5 filas de crianças. Havendo em cada uma 246 crianças; pergunta-se quantas eram ao todo.

Qualquer alumno deve estar habilitado a responder de prompto e a escrever no quadro:

$$246 + 246 + 246 + 246 + 246 = 246 \times 5$$

Perguntará, então, o professor se lhe pódem dizer rapidamente quantas eram as crianças. A resposta será naturalmente negativa, e o professor lembrará, ou pedirá aos alumnos que lembrem, o meio de resolver a difficuldade sempre que nos sentimos incapazes de effectuar um trabalho todo de uma vez.

Como esta noção foi dada a proposito da somma, applicada a exemplos da vida quotidiana e repetida para a subtração, a classe inteira deve saber responder, não só que — é preciso proceder por partes, sinão também que as partes que convem considerar no caso são as differentes ordens de unidades.

— Se repetirmos, pois, concluirá o professor, 5 vezes as unidades de 1ª ordem, 5 vezes as de 2ª e, por fim, 5 vezes as de 3ª (aponta á proporção) teremos repetido o numero todo ou 246 cinco vezes.

— Ora, 5 vezes 6 unidades são...?

— 30 unidades ou 3 dezenas.

— Que devemos escrever na ordem das unidades?

— Zero.

— E podemos desprezar as 3 dezenas? Não, de certo: são 3 dezenas de

crianças que lá estavam e que portanto devem ser contadas; mas como temos ainda dezenas de crianças para repetir 5 vezes (aponta) juntaremos estas 3 dezenas ás demais.

Ora, 5 vezes 4 dezenas são 20 dezenas, que, reunidas ás 3, formam 23 dezenas... ou...

— 3 dezenas e 2 centenas.

— Escrevamos as 3 dezenas.

Podemos desprezar as 2 centenas?

— Não, pois que estas 2 centenas de crianças estavam presentes a festa; mas como ainda ha centenas de crianças para repetir 5 vezes (aponta) juntaremos estas 2 ás demais.

Continuando: 5 vezes 2 centenas, são?...?

— 10 centenas. Juntando-se-lhes as 2, teremos 12 centenas ou 2 centenas e 1 milhar.

— Ficará assim conhecido o numero total de crianças, ou 1230.

Recapitulando o trabalho feito, terão os proprios alumnos estabelecido a regra correspondente.

Poderia também o professor orientar o raciocinio dos seus alumnos da maneira seguinte:

— Si é indifferente dizer  $246 + 246 + 246 + 246 + 246$  ou  $246 \times 5$  e se já sabemos sommar, aproveitemos esta circumstancia para termos conhecimento do numero de crianças que compareceram á festa.

Mandarará applicar a regra já estabelecida para a somma e effectuar a operação respectiva, chamando a attenção das crianças para o facto de terem, afinal, de repetir cada ordem do numero 246 cinco vezes. A regra resultará do novo raciocinio perfeitamente igual á anterior.

Como observação, acrescentaremos aqui que — não convem absolutamente a principiantes uma dupla orientação: o professor tomará um ou outro caminho, reservando-se para mais tarde, quando se tratar de recapitulação e desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos e firmados, qualquer observação nesse sentido.

Afim de preparar a classe ao raciocinio relativo á multiplicação de um numero composto por outro também composto, o professor recordará, sob a fórmula de arguição, o que os alumnos já aprenderam sobre o valor das ordens de unida-

des. Escreverá, por exemplo, o algarismo 2 isolado e perguntará que numero elle representa.

— 2 unidades de 1ª ordem, ou simplesmente dous.

— Escrevamos agora o algarismo 2 na 2ª ordem.

— 20, isto é, vinte, ou 2 dezenas, ou 2 unidades de 2ª ordem.

— E 2 dezenas quantas vezes valem mais do que 2 unidades?

— Dez vezes.

(Pergunta identica será feita em relação a outros valores.)

— Digam-me agora: si eu quizer dar a 7 um valor dez vezes maior, que hei de fazer?

— Escrever o algarismo 7 na 2ª ordem, para o que basta escrever-lhe zero á direita, ou na 1ª ordem.

O professor chegará á conclusão de que — para um numero adquirir um valor dez vezes maior basta escrever-lhe á direita um zero, pois que elle exprimia ou representava unidades e passará a representar dezenas.

A recapitulação estender-se-á por mais algumas ordens, de modo que possam os alumnos, rapidamente, tornar um numero 10, 100, 1000, etc., vezes maior.

Passará, então, o professor á multiplicação de qualquer numero inteiro por 20, 30, 40, etc., por 200, 300, 400, etc., por 2000, 3000, 4000, etc., mais ou menos como segue:

— F. tem uma caixa com soldadinhos de chumbo. Alinhou-os sobre a mesa de jantar em filas de 8 e formou 20 filas. Quantos são os soldadinhos?

Qualquer alumno saberá responder e escrever:

$$8 + 8 = 8 \times 20$$

— Imaginemos que esta disposição não lhe agradou: eram muitas filas e

poucos soldados em cada uma; então um collega, com quem F. brincava, lembrou juntar as filas duas a duas, isto é, de cada grupo de duas filas formar uma só. Aponte-me L. duas filas e escreva-as á parte.

— ...  $8 + 8 = 8 \times 2$ .

— Veja agora quantos grupos de duas filas podemos alli contar. (Para evitar confusão, o professor mandará assinalar cada grupo com um signal qualquer, por exemplo um pequeno arco).

— Podemos formar dez grupos, cada um com duas filas.

— Teremos então  $8 + 8$  ou  $8 \times 2$ ... quantas vezes?

— Dez vezes.

— E quanto vem a ser  $8 \times 2$ ?

— ... 16.

— Teremos, pois, alli (aponta) dez vezes 16 soldados, isto é, um numero de soldados dez vezes maior do que 16 ou... N.

— ... 160 soldados.

Recapitulando o trabalho feito, ficará estabelecido que para se conhecer o valor de 20 vezes um numero, basta ter 2 vezes esse numero e escrever um zero á direita do resultado.

Serão formulados pequenos problemas em que se procure o producto por 20, 30, etc., para que os alumnos rapidamente lhes dêem solução.

A analogia facilmente levaria a classe a formar os productos por 200, 300, etc., 2000, 3000, etc.; entretanto, e a juizo do professor, talvez seja necessario tomar exemplos concretos, aproveitando-se para este fim o material que serviu ao ensino da formação das ordens (palitos, varinhas, botões, etc.) e que é sempre abundante em todas as escolas.

Compreende-se bem que não haverá agora difficuldade em multiplicar um numero composto por outro composto, visto como os alumnos dispõem de todos os conhecimentos indispensaveis á realização da operação.

MOAGEM S. RAYMUNDO \*

Deposito de cereaes e sal — Especialidade em Fubás de Milho e Arroz, Cangica, Araruta e Polvilho Movidada por tracção electrica

CARVALHO LEME & C.

Telephone 799-Norte

48 RUA ACRE, 86

RIO DE JANEIRO



Tomado um caso concreto, em que o multiplicador seja, por exemplo, 845, os alumnos saberão responder que se procura o valor de 845 vezes o numero de que se tratar. E applicando o principio de que — não sendo possivel achar esse valor todo de uma vez, será preciso achalo por partes, procurando obter 5 vezes o numero dado, depois 40 vezes esse numero, e, por fim, 800 vezes o mesmo numero; e que passa a ter o valor de 5 vezes, mais 40 vezes, mais 800 vezes o mencionado numero, será preciso juntar, reunir, sommar os numeros obtidos.

A recapitulação do trabalho feito e a necessidade de lhe dar um typo, uma configuração, uma disposição que de logo a conhecer, farão concluir a regra, que será formulada pelos proprios alumnos e nas condições, dicitadas para as anteriores.

Exercícios e problemas variados servirão ao calculo mental e escripto relativo aos differentes casos da multiplicação.

O. C.

(CONTINÚA).

—)o(—

### Sciencias physicas e naturaes

#### SYSTEMA NERVOSO

Idéa geral da cellula nervosa. Orgãos que constituem o systema nervoso

Os meninos já tiveram noção de como os alimentos liquidos e solidos entram no nosso organismo e são transformados pelo aparelho digestivo, passando depois ao aparelho circulatorio, afim de nutrir as partes todas do corpo; como o sangue, nos pulmões, apodera-se do oxygenio, que leva aos tecidos, onde se dá uma troca, cedendo o sangue o que leva de util e recebendo o que seria máo, venenoso, si ficasse, isto é, os productos que devem ser eliminados; como o organismo livra-se destes toxicos. pelos rins, pela pelle, etc.

Mas, não sabem, ainda, porque, chegado um alimento ao estomago, começa este a contrahir-se e suas glandulas principiam a segregar um succo digestivo; porque o sangue está em constante circulação dentro dos vasos; porque os demais orgãos não deixam de funcio-

nar quando lhes toca a vez de contribuir para a vida geral do corpo em que estão e mais ainda porque pensamos, temos desejos; porque, si falta alimento ao organismo, sentimos fome; porque nos movemos, porque estão vocês ouvindo o que lhes digo e formando idéas a respeito.

Saberão agora que temos também orgãos especiaes para estas funcções a que acabo de referir-me e que estes orgãos formam o *systema nervoso*.

E', então, o systema nervoso que preside a todas as funcções do organismo, desde as mais simples ás mais delicadas; é, graças ao systema nervoso, que o coração se contrae e dilata-se, que todos os orgãos trabalham, que sentimos, pensamos e agimos; emfim, é elle que dirige todo o organismo, para que haja perfeito equilibrio entre as suas partes, resultando, assim, a vida. Dahi, concluem vocês, quanto elle é importante.

De sua integridade é que dependem o nosso bom humor, a nossa tristeza ou alegria, o modo, mesmo, de nos conduzirmos na vida.

E, si todos os nossos actos devem visar o aperfeiçoamento moral, si toda a atenção que nos merece o corpo é para que nossas acções sejam sempre boas, vêm vocês a importancia que tem o systema nervoso—supremo regulador da vida.

Iniciemos um estudo recordando, primeiramente, porque o chamamos systema. Que concluem vocês dahi?

Que é um conjunto de orgãos iguaes trabalhando para o mesmo fim; não é isto? Si os orgãos fossem differentes, chamar-se-ia...? aparelho.

Mas, sendo muito differentes, pela sua natureza, as funcções a que preside o systema nervoso, pois que não podemos, por certo, confundir nem approximar um acto de digestão com a formação de um conceito de moral, ao estudar o systema nervoso, dividimol-o em duas partes: uma que preside ás funcções mais grosseiras, ás que são communs aos vegetaes e animaes, isto é, ás funcções de nutrição e de reproducção, chamadas da *vida vegetativa*, e outra que preside ás funcções de que gosam especialmente os animaes, isto é, os actos de movimento voluntario, de intelligencia, de vontade, ás funcções da *vida animal*.

Fica então o systema nervoso, assim, dividido:

Systema nervoso { da vida vegetativa, ou grande sympathico  
da vida animal, ou de relação.

Ao da vida vegetativa chama-se também grande sympathico pela intima conexão que têm os seus centros com os centros do systema da vida de relação; de tal modo, que influencia exercidas sobre uns agem sobre os outros, causando perturbações chamadas sympathicas; tal é o prurido que se sente no nariz pela presença de vermes nos intestinos.

O da vida de relação é assim chamado porque nos põe em comunicação com o meio que nos cerca fazendo-nos sentir as impressões recebidas e reagir a estas impressões.

E' preciso que vocês tenham a noção exacta de que o systema nervoso é um só; as partes em que o dividimos, mais para facilidade do estudo, acham-se intimamente ligadas.

(Mostrar a gravura, desde que se comece a falar na divisão do systema nervoso).

Quer no systema nervoso da vida de relação, quer no da vida vegetativa, ha orgãos centraes, os centros nervosos e outros que dahi partem indo até á periphéria do corpo—os nervos.

Syst. nervoso { da vida vegetal { central  
peripherico—os nervos  
da vida de relação { central  
peripherico—os nervos.

Os nervos funcionam como verdadeiros fios telegraphicos, levando impressões ao centro e trazendo as reacções do centro para a periphéria.

Um exemplo muito simples.

Um gato, que estivesse acolá deitado, saltaria rapidamente, si perto d'elle deixassemos cahir um objecto pesado produzindo barulho. O ruido, tendo impressionado a extremidade de um nervo, esta impressão seria conduzida a um centro nervoso e dahi voltaria, por outro nervo, a ordem de reacção; este nervo, acabando em um musculo, faria com que o gato se movesse.

Dividem-se, então, os nervos em *centripetos ou sensitivos*, os que conduzem impressões da periphéria para o centro, *centrifugos ou motores*, os que trazem ordens de movimento do centro para a periphéria e *mixtos* os que têm fibras sensitivas e fibras motoras.

Os nervos do systema grande sympathico são todos mixtos e os do systema da vida de relação são: uns sensitivos, outros motores e outros mixtos.

Syst. nervoso { grande sympathico { central  
peripherico—nervos mixtos  
da vida de relação { central  
peripherico—nervos { sensitivos  
motores mixtos

Os centros nervosos—parte central do systema nervoso—são constituídos por aglomerados de cellulas nervosas com seus prolongamentos.

Estes prolongamentos são de duas naturezas: uns curtos, numerosos e ramificados, e outro longo, não se ramificando, ao menos por dichotomia—o *cylindro eixo* da cellula nervosa.

(Recordar o que se chama divisão por dichotomia).

A cellula nervosa com seus prolongamentos constitue a unidade do systema nervoso—o *neuronio*.

E' o cylindro-eixo da cellula nervosa que se continúa na fibra nervosa, constituindo o cylindro eixo do nervo.

MAPPIN & WEBB Ltd.

100, Ouvidor  
RIO DE JANEIRO

JOALHARIA

Prataria, «Prata Princeza»  
Objectos de arte, etc.



No systema grande sympathico a parte central é formada por um duplo cordão de ganglios aos lados da columna vertebral; os ganglios representam aglomerados de neuronios; delles partem fibras que os communicam entre si, outras com a medulla, com o systema da vida de relação, portanto, e outras que se dirigem aos órgãos da vida vegetativa, constituindo os nervos do grande sympathico.

Estes nervos ramificam-se e anastomosam-se junto ás visceras, formando verdadeiras redes, em cujas malhas existem ganglios:—são os *plexus*.

O systema de que estamos tratando já sabemos que preside ao funcionamento dos órgãos de nutrição e de reprodução, que também são enervados por fibras do systema da vida de relação, e, apesar de sua ligação íntima com os centros nervosos superiores, o systema grande sympathico goza de certa autonomia, graças aos seus ganglios que são verdadeiros centros. Elle é centro de reflexos. Chamamos acto reflexo uma acção nervosa que independa de nossa vontade, que se realiza sem que della tenhamos consciencia; tal é um acto de digestão. Chegando o bolo alimentar ao estomago, as estremidades de fibras sensitivas sympathicas das paredes desse órgão recebem a impressão da presença do alimento, conduzem essa impressão a um ganglio e deste ganglio volta, por uma fibra motora, a ordem de reacção, começando o estomago a funcionar; tudo isto se passa sem que nós tenhamos consciencia.

Uma prova de que os ganglios gosam de certa autonomia está na experiencia seguinte: tirando-se do thorax de um animal morto o coração, este pôde continuar a bater durante algum tempo, graças aos ganglios que o acompanham.

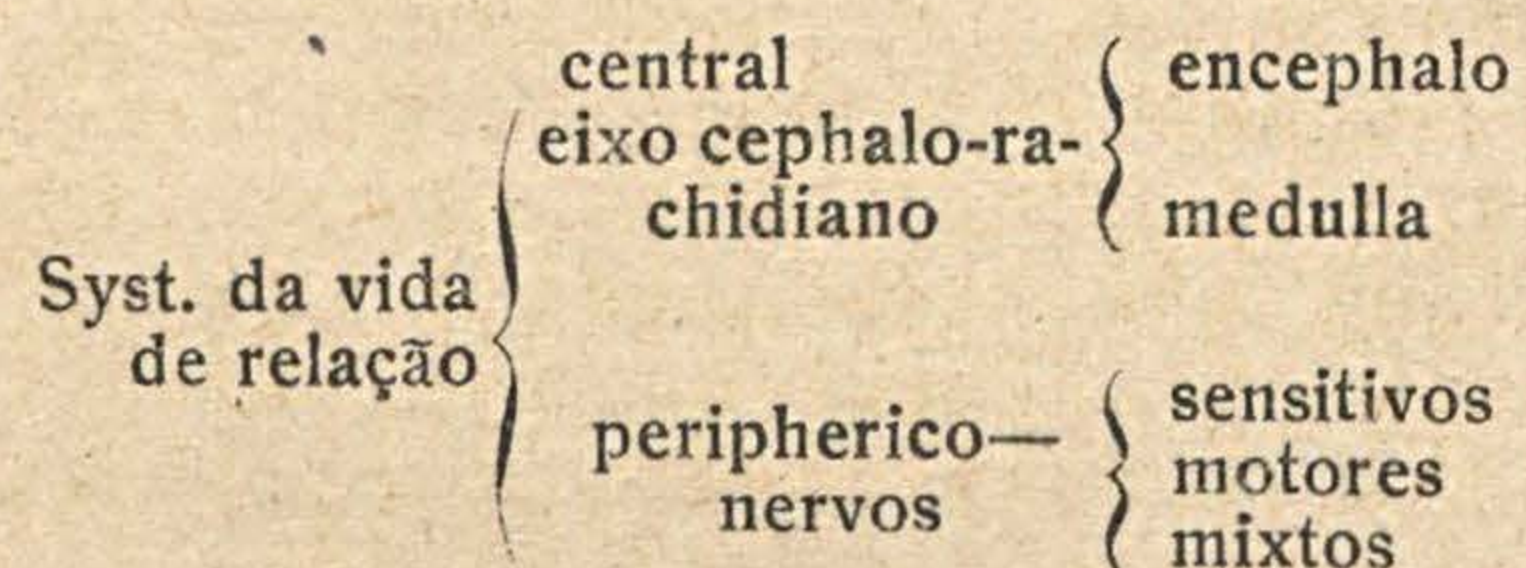
A parte central do systema da vida de relação está dentro de uma verdadeira caixa ossea—o craneo e o canal rachidiano—este formado pela superposição dos buracos vertebraes; a natureza sabiamente assim a collocou ao abrigo de qualquer perturbação ou choque externo, tal é a delicadeza de suas funcções.

Além disso esta parte central chamada—eixo cephalorachidiano—está envolvida por tres membranas—as meningeas.

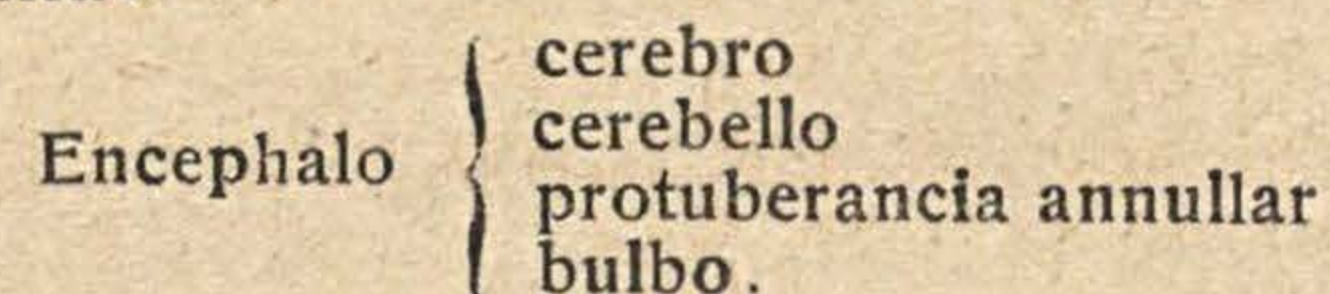
Commummente, ouvem vocês falar em

meningite. molestia que não raro mata, ou deixa o individuo atacado, defeituoso para o resto da vida; pois bem, é ella occasionada pela inflammação das meningeas que, comprimindo a parte que envolvem, perturbam seu funcionamento, podendo produzir uma lesão.

O eixo cephalo rachidiano compõe-se de duas partes: a contida no craneo—o encephalo, e a que está dentro do canal rachidiano—a medulla.



No encephalo consideramos principalmente—o *cerebro*, parte anterior e superior, o *cerebello* na parte posterior, a *protuberancia annular*, collocada inferiormente, e o *bulbo*, ligando o encephalo á medulla.



Nos centros nervosos notamos duas especies de substancias; uma branca outra cinzenta; a primeira constituída de fibras e a segunda de cellulas.

No encephalo, a substancia cinzenta está por fóra e a branca por dentro, na medulla da-se o contrario.

O cerebro comprehende dois hemispherios ligados entre si.

E' elle, pela sua parte peripherica, de substancia cinzenta, o centro das sensações, da intelligencia e da vontade.

Atraz e abaixo do cerebro, fica o cerebello, também formado de dois hemispherios ligados.

No interior do cerebello, a substancia branca dispõe-se com o aspecto de arborisações, o que lhe valeu a denominação de—*arvore da vida*.

E' o cerebello principalmente o órgão coordenador dos movimentos. Um sabio fez uma experiencia para tal demonstrar; tirou o cerebello de um pombo e este continuou a viver, mas a mover-se desordenadamente e de uma maneira forçada e tropega.

Em baixo do cerebello fica a *protuberancia annular* ou *ponte de Varole*.

Finalmente, communicando o encephalo com a medulla—o *bulbo*.

Como dissemos, a substancia branca, formada de fibras, na medulla, fica na parte extrema.

Estes cordões de substancia branca cruzam-se no bulbo, indo constituir os *pedunculos cerebellosos*.

São os pedunculos cerebellosos médios que se unem formando a protuberancia annular.

No bulbo ha alguns centros nervosos como o da respiração, da circulação, etc., pois ahi, além de ter origem um importante nervo—o pneumo-gastrico, que age sobre o coração e sobre a respiração, nascem também numerosas raizes do grande sympathico.

Os cordões nervosos, vindos da medulla, cruzando-se no bulbo, os do lado direito conduzem o influxo que determina o movimento do lado direito do corpo.

Verifica-se isto quando uma pessoa é attingida de uma lesão cerebral que determina paralyisia; si a lesão é do hemispherio esquerdo, a paralyisia é do lado direito do corpo, menos no rosto, em que a paralyisia é do mesmo lado da lesão, pois que os nervos da face nascem acima do cruzamento dos cordões.

Os pedunculos cerebellosos communicam o cerebello com o cerebro, com a medulla e os hemispherios cerebellosos entre si.

A medulla, pela substancia branca, conduz impressões ao cerebro e as excitações do cerebro para a peripheria e pela substancia cinzenta é um centro nervoso de actos reflexos, o que se prova por meio de uma experiencia feita com uma rã decapitada; o animal fica immovel; mas, si lhe espetarmos uma pata, a pata contrae-se; é que a excitação foi levada á medulla por um nervo sensitivo e

voltou, como reacção motora, por um nervo centrifugo.

As meningeas, de cujo papel principal já falamos, são tres: a mais externa, a *dura mater* é resistente, fibrosa; a interna, a *pia-mater*, é vascular, isto é, formada de vasos sanguineos que levam a nutrição ás cellulas nervosas e a média—a *arachnoide* é cerosa, isto é, segrega um liquido chamado cephalo-rachidiano, que fica entre a membrana média e a interna.

Este liquido mistura-se com o que enche o canal existente no interior da medulla, o canal medullar, continuado no encephalo por dilatações chamadas ventriculos. Assim, ha o quarto ventriculo no bulbo; este ventriculo communica-se com o ventriculo cerebelloso, entre o cerebello e a protuberancia annular, e este pelo aqueducto de Sylvino, como o 3º ventriculo, que, por sua vez, se communica com os ventriculos lateraes, no interior dos hemispherios do cerebro.

A cada systole do coração penetra uma onda de sangue no cerebro e o volume dos vasos, augmentando, deveriam estes comprimir a substancia nervosa, o que acabaria lhe causando alterações, portanto, perturbações no funcionamento; ora, o liquido cerebro-rachidiano impede que isto se dê, pois, communicando-se com o liquido do canal medullar e dos ventriculos, regulariza o espaço occupado pelo cerebro.

O funcionamento dos órgãos centraes do systema nervoso, como o de qualquer órgão do corpo, traz um esgotamento, que precisa ser reparado pelo repouso.

Este repouso é o *somno*, durante o qual cessam as funcções de relação.

Si o somno é agitado por sonhos, sua funcção reparadora não é completa.

C. P.

## O melhor para as crianças com lombrigas

O Vermifugo EMIL é um xarope de sabor agradável e de efeitos seguros nas lombrigas e varias especies de ascarides.

E' completamente inoffensivo; não é irritante, a exemplo dos vermifugos oleosos.

E' preparado com vegetaes da flora brasileira, dos que são usados pelas commissões medicas do interior dos Estados, e, por isso, destróe todos os vermes, inclusive o anchylostomo.

Mas ainda mesmo quando as crianças nervosas e insomnes não expillam bichas, usando o Vermifugo EMIL, conseguem, com o seu uso, a calma e o dormir tranquillo.

O Vermifugo EMIL serve em qualquer caso, em crianças e adultos. Não tem dieta.

A venda nas principaes pharmacias e drogarias. Preço: vidro 2\$500; pelo Correio, 3\$500.

Deposito geral: Rua Uruguayana N. 66. Perestello & Filho.



INDICAÇÕES UTEIS

MEDICOS

Dr. Octavio Ayres. Cons. S. José, 61—1º andar. Tel. 4625 C. Residencia: Bambina, 14—Tel. 2482, Sul.

Dr. H. Baptista Pereira. — Clinica medica e molestias dos olhos. Cons. Rua Gonçalves Dias, 61. Tel. 6132 Central.

Octavio Tarquinio.— Ouvidor, 90, 1º andar, Tel. 3.258 N.

Dr. Alfredo Cesario Faria Alvim — Rua 7 de Setembro n. 174.

Dr. Virgilio da Silva Paiva — Becco das Cancellas, 11—Das 11 ás 12 e das 3 ás 5 — Tel. 6.599. Norte.

ADVOGADOS

Drs. André Faria Pereira, Raul de Faria e

Atelier de Costura de Zulmira Cruz — Rua 7 de Setembro, 174.



MENOS TRABALHO MELHOR RESULTADO

Sua correspondencia fala por V. S., revela sua propria personalidade.

Faça-a nitida e convincente, imprima caracter e uniformidade em suas cartas, usando a machina de escrever REMINGTON com sahida automatica, que reduz o trabalho do dactylographo, reduzindo o custo da sua correspondencia commercial.

Nada lhe custa pedir-nos uma machina para experiencia, afim de certificar-se destas vantagens.

CASA PRATT

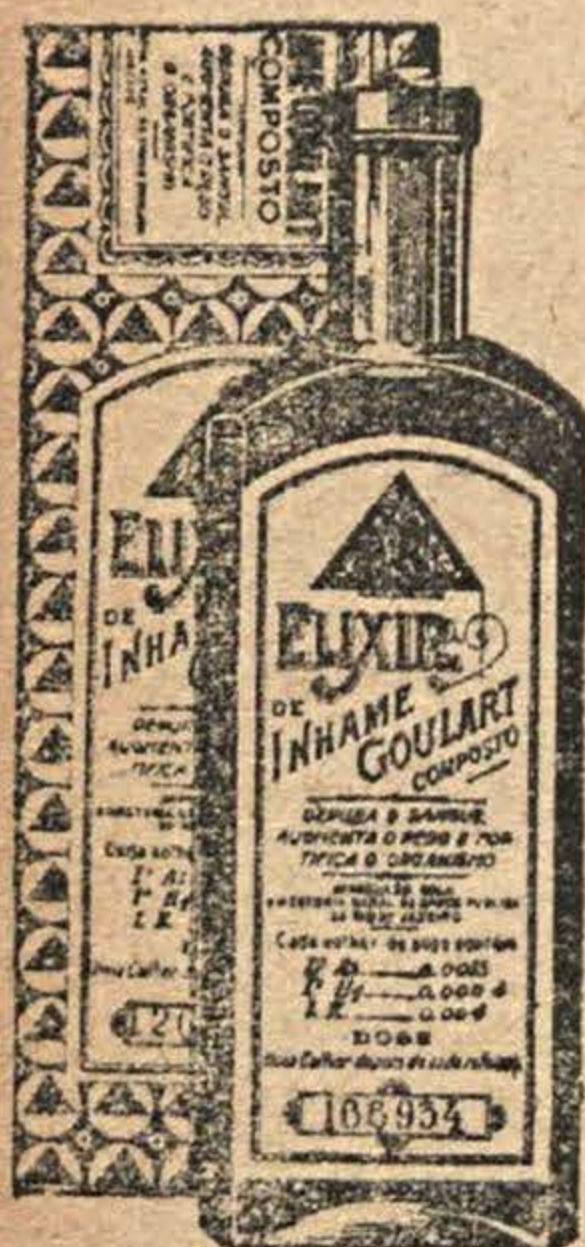
Rua do Ouvidor, 125

Telephone Norte 2020

Filiaes ou Agencias nas principaes Cidades

Chocolate e Café SÓ ANDALUZA

FABRICA — RUA DOS ANDRADAS, 23 — RIO DE JANEIRO



O que o doente sente com o uso do «ELIXIR DE INHAME»

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil. O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

Modo de usar — O Elixir de Inhame Goulart deve ser usado na dose de uma colher depois de cada refeição.

Depura — Fortalece — Engorda

PALIDEZ DA FACE

A anemia, a chlorose, a neurasthenia, o excesso de trabalho, etc., causam as senhoras a pallidez da face, tornando-as apprehensivas e tristonhas

As *Pilulas Fortificantes* do Pharmaceutico Carlos Cruz fazem desaparecer esse flagello. São vendidas em as farmacias e drogarias. —:

Agentes Geraes:

CARLOS CRUZ & C.

Rua São Bento, 1

Rio de Janeiro



OCULOS e PINCE-NEZ

para qualquer defeito da vista

Apparelhos Photographicos e Accessorios.

LUTZ, FERRANNO & CIA LTDA

BUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO

A Dentição das Crianças



Todo o cuidado é pouco quando se trata dos dentes da Criança pois a saude depende em grande parte do estado da bocca.

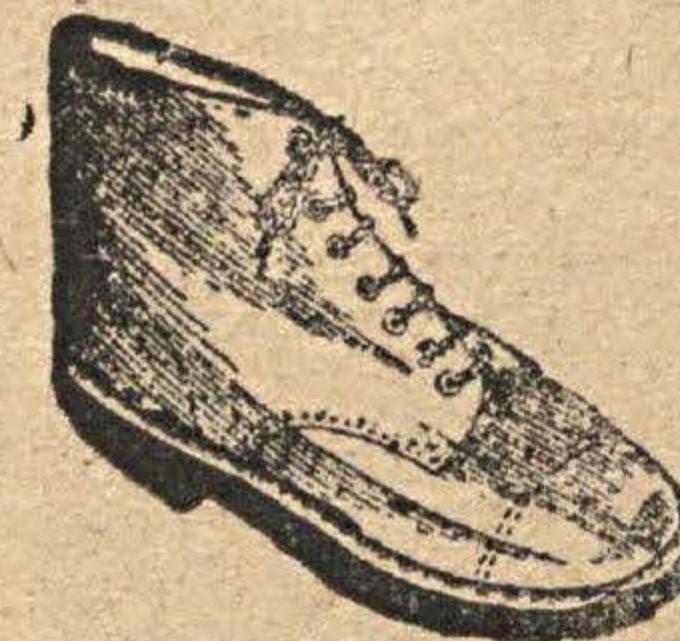
Auxilie a Assistencia Dentaria Grátis Associação Central Brasileira dos Cirurgios Dentistas, Av. Rio Branco, 142,

S.S. White Dental Mfg. Co. of Brazil

CASA GUIOMAR Calçado dado

120, AVENIDA PASSOS, 20

ULTIMA NOVIDADE

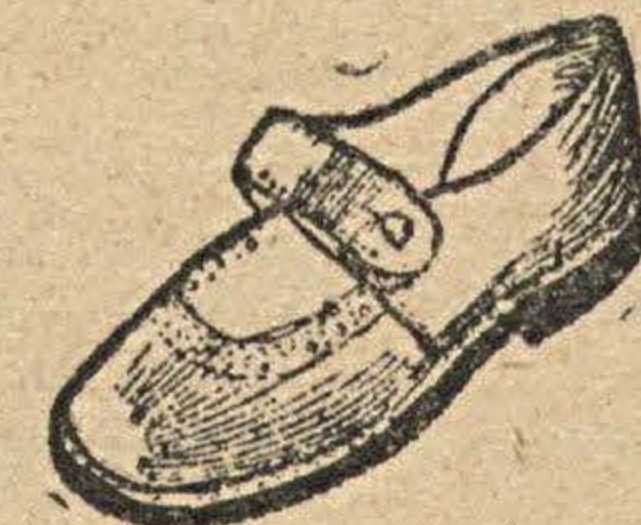


Fortissimos borzeguins em vaqueta escura, sola dupla, proprios para collegiaes.

Preços de reclame

De 18 a 26 8\$000  
De 27 a 32 9\$000

Pelo Correio, mais 2\$000 em par



Sapatos ALTIVA, em kangurú, preto e amarello, criação exclusiva da CASA GUIOMAR, recommendados para uso escolar e diario, pela sua extrema solidez e conforto.

De 17 a 25 3\$000  
De 27 a 32 6\$300  
De 33 a 40 8\$000

Pelo Correio, mais 2\$000 em par

Já se acham promptos os novos catalogos illustrados, os quaes se remettem inteiramente gratis a quem os solicitar, rogando-se toda a clareza nos endereços para evitar extravios.

Os pedidos podem vir juntos com a importancia na mesma carta registrada com valor ou em vales do correio, dirigidos á firma Julio de Souza, successor de Graefi & Souza — AVENIDA PASSOS, 120 — RIO.

A Independencia

Mobiliario completo para uma casa com 36 peças, 2:300\$000 á Rua do Theatro, 1 — Teleph. Central 476.



# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 129

Rua da Bahia, 1055

**PAULO DE AZEVEDO & C.** Livreiros Editores e Importadores  
**EXTRACTO DO CATALOGO**

## HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$500
2º Livro de Leitura.....	\$800
3º Livro de Leitura.....	\$800
4º Livro de Leitura.....	\$800

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2º Livro de Leitura.....	1\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	3\$500
5º Livro de Leitura.....	3\$500

## SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica.....	1\$500
1º Livro de Leitura.....	2\$500
2º Livro de Leitura.....	3\$000
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura.....	1\$500
Cartilha.....	1\$800
Leitura Preparatoria.....	2\$500
1º Livro de Leitura.....	3\$000
2º Livro de Leitura.....	3\$000
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	4\$000

## JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500
4º Livro de Leitura.....	3\$500
5º Livro de Leitura.....	4\$000
Leituras Praticas.....	1\$500
Fabulas (em verso).....	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2º anno.....	2\$500
Leitura para o 3º anno.....	2\$500
Leitura para o 4º anno.....	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$000
1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500
4º Livro de Leitura.....	3\$000

## ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura.....	\$600
Novo 1º Livro de Leitura.....	1\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500

## SABINO e COSTA e CUNHA

Expositor da Lingua Materna.....	1\$000
Segudo Livro.....	1\$000

## FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler.....	\$500
2º Livro de Leitna.....	1\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$000
Excursões escolares.....	1\$000

## DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro.....	1\$500
Vida Infantil 2º Livro.....	2\$000
Vida Infantil 3º Livro.....	2\$000

## COLLEÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro.....	1\$000
Novos Principios de Leitura.....	1\$000
Guia da Infancia, 1ª parte.....	2\$000
Guia da Infancia, 2ª parte.....	2\$000
Guia da Infancia, as 2 partes.....	4\$800
O 1º livro de André 1ª parte.....	2\$000
O 1º livro de André 2ª parte.....	2\$000
Compendio de Historia Sagrada.....	3\$000
Noções de Sciencias.....	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.).....	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.).....	6\$000
E. DE AMICIS—Coração.....	2\$000

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente.....	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios.....	3\$500
" " Patria Brasileira...	3\$500
" " Theatro Infantil....	2\$500

## CORNAZ

As creanças e os animaes.....	1\$500
Novos Amigos.....	2\$000
CORREIA e BARRETO—Era uma vez.	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares..	2\$000

BILAC e BOMFIM — Leitura Comple- mentar.....	4\$000
---	--------

ALBERTO DE OLIVEIRA — Céu, Terra e Mar .....	3\$500
---	--------

## TRANCREDO AMARAL

Livro das Escolas.....	3\$000
------------------------	--------

## BARRETO E LAET

Anthologia Nacional.....	5\$000
--------------------------	--------

## EUGENIO WERNECK

Antologia Brasileira.....	5\$000
---------------------------	--------

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	3\$000
Selecta Classica.....	4\$000

DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico.	3\$500
---------------------------------	--------

B. P. R. — Leitura Manuscripta.....	1\$500
-------------------------------------	--------

## A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica.....	2\$500
------------------------------	--------

OLAVO BILAC — Poesias Infantis.....	3\$500
-------------------------------------	--------

L. FERDINAND—Lyra das Crianças...	2\$000
-----------------------------------	--------

R. PUIGGARI — Album de Gravuras...	2\$000
------------------------------------	--------

**Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasi'**